

The background of the entire page is filled with numerous yellow circular segments of varying sizes and orientations, scattered across the white space. Some are full circles, while others are partial arcs.

Todo lugar tem uma história para contar

Memórias de Fercal

Sumário

- 16 Lá na Serra do Baturité
- 21 Minha mãe sempre foi uma batalhadora
- 22 Posso estar dentro de um fogo que meus meninos estarão junto comigo
 - 27 Reza só serve se a pessoa tiver fé
 - 28 Meu maior sonho é ver as terras indígenas demarcadas
 - 33 Falo com as plantas, isso me anima muito
- 34 Nunca fugi de uma briga: com fazendeiro, com marido, com quem quer que seja
- 38 Até o final da década de 1970 diziam que não tinha índio no Ceará!
- 39 A mão dela apagou o fogo na hora
 - 40 Sempre digo que sou indígena, com todo orgulho
 - 45 Índio deve se unir e sempre dançar o toré
 - 46 Agora somos tratados como uma comunidade quilombola
- 51 Agarrei a bola e caí. Correu o boato de que eu tinha morrido
- 52 Os mais novos suportam bem; os mais velhos sentem muito
- 57 Sofri muito, muito mesmo, não gosto nem de lembrar
 - 58 Tente reunir a tradição cultural e o progresso: o que acontecerá?
 - 63 Uma lamparina na janela
 - 64 Peguei meu filho no escuro, saindo da barriga da mãe!
- 65 A rezadeira não queria rezar e achei que meu filho ia morrer
- 66 Temos que contar nossa história, para no futuro saberem que tinha alguém aqui
- 71 Os fazendeiros expulsaram os índios tapeba
- 72 Não fomos feitos para comer o pão que o diabo amassou
- 77 Falo para as netas como é importante estudar
- 78 O coração do mar é o vento
- 82 Ali nas ondas me encontro

Apresentação

O Ministério da Cultura, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, o Museu da Pessoa, a Votorantim Cimentos e o Conselho Comunitário da Fercal apresentam, como resultado do projeto de memória, realizado coletivamente pela parceria dessas três organizações, o livro *Todo lugar tem uma história para contar – Memórias de Fercal*.

Convidamos à leitura de 23 histórias de 14 comunidades da Fercal, histórias que vão do cotidiano a grandes movimentos coletivos, contadas com a mesma intensidade por homens e mulheres que trouxeram e trazem importantes transformações para a Fercal, além das tradições que fazem questão de preservar.

Membros do Conselho passaram por ampla formação com o intuito de apropriar-se das metodologias do projeto para a sua realização. Os participantes se envolveram em todas as etapas, auxiliando na escolha das pessoas das comunidades da Fercal a serem entrevistadas, sendo entrevistadores com a equipe do Museu da Pessoa e também sendo entrevistados. Tiveram ainda importante participação na socialização dos produtos do projeto, criando um movimento que reuniu acervo de utensílios antigos e característicos da região, que somados às memórias fotográficas resultaram numa bela exposição com apresentação dos vídeos das histórias, por ocasião do aniversário de 59 anos da Fercal.

Enquanto Conselho Comunitário da Fercal, que foi criado com o objetivo de discutir e realizar, junto à comunidade, ações que fomentem o desenvolvimento de sua região, o projeto *Todo lugar tem uma história para contar*, sob a consultoria do Museu da Pessoa, veio ao encontro dos anseios de seus participantes.

Para o Museu da Pessoa, que tem as histórias de vida como universo de seu trabalho, essas ações enriqueceram não apenas seu acervo, com importantes saberes e fazeres dos entrevistados, como o próprio desenvolvimento do projeto, com a inestimável contribuição dos parceiros.

Para a Votorantim Cimentos, esse projeto proporcionou a valorização da memória sociocultural da Fercal e da história de seus moradores, fortalecendo sua identidade e tornando-os mais conscientes da importância da sua participação no desenvolvimento da Fercal. Como empresa socialmente responsável, a Votorantim Cimentos acredita que é necessário o engajamento de todos os agentes sociais da localidade para um de-

envolvimento sustentável. Em virtude disso, se coloca como agente apoiador e transformador da realidade local e da melhoria da qualidade de vida de suas comunidades, fazendo parte da história da Fercal e apoiando ações como essa.

E nas palavras do movimento SOS Fercal, que também fez parte do projeto, toda pessoa tem o direito de participar da memória social. Todos os envolvidos neste projeto acreditam nisso e são prova viva de que a história nunca está pronta. O fazer histórico é um processo permanente, que diz respeito a todos nós. O projeto *Todo lugar tem uma história para contar* fortaleceu a comunicação da juventude com o passado, transmitindo valores e visões, que servem de base para uma nova memória social.

O objetivo principal da publicação deste livro com histórias da região da Fercal, contadas por pioneiros locais que tiveram um papel importante para a construção da cidade, visa, além de divulgar as histórias, promover o reconhecimento dessas pessoas que tiveram uma contribuição significativa para o crescimento socioeconômico, político e cultural da Fercal ao longo dos anos.

Para garantir que todas as entrevistas fossem incluídas no livro, os depoimentos foram editados em duas páginas, extraíndo trechos dos registros das histórias de vida e da roda de histórias, que se entrelaçam, compondo uma rede de memórias. Além do registro da história de cada um, é importante ressaltar que o livro contém um rico acervo fotográfico com imagens de momentos de vidas dos entrevistados voltados para o desenvolvimento da cidade e para a sua cultura.

As experiências e histórias de vida, contadas pelos vinte e três personagens no projeto *Todo lugar tem uma história para contar* servirá de parâmetro para uma nova etapa a ser construída num trabalho envolvendo as escolas públicas da cidade.

Faz parte desse livro, um roteiro didático que contribuirá para a leitura e análise das histórias, para o reconhecimento da cidade, para a valorização da sua cultura, possibilitando novas ações de memória.

Convidamos os leitores a se encantarem com as histórias que refletem a riqueza desse lugar, na força da sua natureza e na construção de seus moradores.





EU TIVE O PRIVILÉGIO DE SER “A TEREZA DA FERCAL” POR CONTA DE TODA ESSA LUTA.

Eu fugi de casa, porque eu estudava e o meu pai, um dia, arrumou um noivo para mim. Eu tinha 14 anos, meu pai queria me casar. Aí, eu falei: “Eu não quero casar, eu quero estudar, meu sonho é outro”. O meu sonho era ser o que eu sou hoje. Eu conversei com umas colegas minhas, que a mãe delas tinha hotel, e elas falaram: “Vamos morar com a gente, minha mãe vai gostar que você vai ajudar a gente a servir mesa”. Aí, cheguei para minha mãe: “Olha, eu vou fugir de casa, a senhora sabe para onde eu vou, mas fala pro meu pai que você não sabe”. Quando ele chegou, nossa... ele mandou ela na hora me buscar. Ela chegou, eu falei: “Não, eu queria estar aqui”. Pra dona Hilda, que é minha segunda mãe, me adotou como filha, não no registro, mas no amor, e toda formação que eu tenho eu devo muito a ela, eu falei: “Dona Hilda, se eles vierem me buscar na marra, a senhora deixa eu ir?”. Ela falou: “Não, minha filha, você só vai se você quiser”. Eu falei pra mãe: “Então pronto, eu não vou não”. Aí fiquei.

Eu cheguei em Brasília em 1971 com um malotinho, daqueles malotinhos duros. Não conhecia Brasília, mas eu vim assim, determinada. Tanto é que o meu pai, quando soube que eu vinha para Brasília, falou: “Deixa ela ir para lá, porque ela vai virar...”. Eu cheguei e falei para ele: “Um dia, o senhor vai querer se orgulhar de mim e não vai poder”. Mas essas palavras dele foram assim, cruciais, talvez para eu ser o que eu sou hoje, porque quando eu via que eu estava perdendo aquela trilha, eu lembrava das palavras dele, eu pensava: “Eu não vou dar esse gostinho para o meu pai, porque ele disse que eu vou virar isso, e não é isso que eu vou virar, eu quero ser alguém na vida”. Quando cheguei, a minha sensação foi assim: “Eu vim para cá para ir à luta e eu vou à luta”.

Eu conheci o pai do meu filho na casa de uma amiga. Ele foi motorista particular da família Ermírio de Moraes, do velho Ermírio – ele dirigia pra ele. Ele morava lá no Plano e trabalhava aqui na fábrica, logo no início. E foi assim que a gente se conheceu e também foi um dos motivos de eu vir morar aqui na Fercal, porque quando eu saí da livraria, fui trabalhar numa empresa de material de construção que era de propriedade do dono da Mundo das Tintas e isso aqui era tudo dele, essa área. Eu trabalhei cinco anos e meio lá e, quando saí, falei para ele [meu chefe]: “Seu Vicente, eu não quero dinheiro, eu quero um pedaço de terra lá na Fercal, porque lá parece muito com Natividade, a cidade que eu nasci”. E ele falou: “Então tá bom, pede ao Gerson para medir”. Aí ele mediu. Mediu 800 metros, e ele: “Não, mede 3 mil metros lá para ela, que ela foi uma boa funcionária”. Então essa área aqui tudo era de minha propriedade. Eu fiz essa vila, fui vendendo, são todos vizinhos muito bons. Eu vim pra cá, construí um barraquinho bem ruinzinho, mas era meu. Assim que eu vim pra cá, eu comecei a trabalhar pela comunidade.



Tereza Ferreira da Silva

O meu sonho era ser o que eu sou hoje

Nasci em Natividade (antes era Goiás, agora é Tocantins) no dia 15 de outubro de 1951. Meu pai e a minha mãe eram baianos; eles já são falecidos. Na Bahia a vida era muito difícil. Eles vieram para Goiás, na época, para tocar a vida. Aí, chegaram em Natividade, já tinham um filho, meu irmão mais velho, e em seguida eu nasci. Passamos seis anos em Natividade, depois fomos para Porto Nacional. A lembrança que eu tenho do meu pai é de uma pessoa muito rígida pela vida que ele levou. Da minha mãe eu tenho muita lembrança. Minha mãe foi muito sofrida, teve um casamento muito ruim, tanto é que a minha decisão de não casar foi por ter acompanhado essa vida que a minha mãe tinha. E aí eu saí de casa muito cedo, justamente para não conviver com essa situação que ela vivia. Toda vida fui muito decidida, meio compenetrada... Eu tô calada, mas eu tô pensando o que eu quero da minha vida, e foi assim que eu segui a vida inteira.

Eu entrei no GDF (Governo do Distrito Federal) trabalhando na Proflora, uma empresa de economia mista de reflorestamento aqui de Brasília. Eu era chefe de turma. Depois, quando Roriz chegou em Brasília, na época a gente discutia, discutia, e não conseguia êxito, e quando ele chegou, foi o primeiro fechamento de pista aqui na Fercal. Na mesma semana, nós tivemos o fechamento na frente do Buriti, que me colocaram presidente da Associação dos Servidores da Proflora. A gente começou a fazer esse movimento em cima dele. Fechamos aqui numa segunda-feira, deu Jornal Nacional, deu Fantástico, e lá foi numa sexta-feira. Quando a gente fechou aqui, ele pediu para vir na Fercal. Nós reivindicávamos tudo, porque nós não tínhamos nada: água, luz, telefone, segurança, escola boa... Isso na segunda-feira à tarde, que o fechamento foi de manhã. Quando foi terça-feira já estavam aí, poste chegando, perfuração de poço artesiano, porque o povo bebia água do córrego. E a gente nessa corrida toda... logo veio telefone, veio um monte de coisa.

E depois da Proflora, eu fui para o Conselho da Mulher. Aí tive essa progressão maior, porque através do Conselho da Mulher é que eu fui conhecer muita gente que me incentivava. Eu não me reunia com o governador sozinha, o órgão que eu trabalhava era vinculado ao gabinete dele. Eu tinha mais facilidade em marcar com ele, então eu levava o pastor, levava as lideranças, levava o jovem, levava a dona de casa, levava todos os segmentos, o do futebol. E aí ele criou uma pasta no gabinete dele para atender as coisas específicas da Fercal. Naquele momento, a gente pensou: “Um dia nós vamos virar cidade e a gente vai ter realmente onde reivindicar as coisas”. E o Conselho em Defesa do Negro, também: a gente pegou do zero, fez um trabalho, capacitação, várias conferências, e uma delas foi para criar a Secretaria da Diversidade Racial que hoje temos.

Eu tive o privilégio de ser “a Tereza da Fercal” por conta de toda essa luta, mas eu sou essa mulher dona de casa, tranquila, amiga, que gosta de rir. Eu sou avó, minha neta é minha companheira, e é isso, a vida com a família... Então a vida é boa demais, eu não canso de dizer, tudo eu devo à luta pela Fercal. Hoje, sou uma mulher aposentada, mas eu acho que a vida não encerrou só porque aposentei, não. Eu ainda tenho muita coisa pra fazer e, enquanto eu tiver vida, eu vou fazer.

Tudo o que eu vivi na vida foi fruto de um sonho. Quando eu era menininha lá, aquela menina que brincava montada em cima dos bodes que via aqueles aviões, só a fumacinha passar, eu dizia: “Um dia eu vou andar num avião daquele”. E quando eu fui para o hotel, que a gente recebia muita gente de delegação de avião e tal, eu dizia: “Eu vou ser uma dessas pessoas, um dia”. Nesse hotel ficava muita gente do Projeto Rondon, que eu via aquele trabalho que eles faziam com as pessoas das periferias das cidades, eu dizia: “Um dia eu quero ser igual a eles, eu quero fazer o que eles fazem”. E foi assim, eu tenho um sonho e não vou sair dele, então eu não fui fissurada por causa desse sonho, eu conquistei ele, assim, devagar, mas não tão lento, porque a vida é passageira.



Antonio Ferreira da Silva

Burro eu não sou de jeito nenhum

Meu nome é Antonio Ferreira da Silva, nasci no dia 10 de outubro de 1948, em Caxias, Maranhão. Eu não tive aquela alegria que todo mundo tem hoje: os filhos vão pro colégio, estudam, faz um curso... Quando eu vim pra Fercal, eu vim foi em 88, no dia 1º de agosto eu cheguei aqui. Eu não sabia nada, saí do Nordeste. Eu me criei na roça, mas não gosto da roça. Aí eu falei: “Vou colher essa roça, vou vender esse arroz e vou embora. Vou pra Brasília”. Peguei dois meninos, os mais velhos, e trouxe. Minha mulher ficou com os dois mais novos lá.

Eu tinha uma tia que morava aqui na Ciplan, aqui no Queima Lençol. A minha tia falou, um domingo: “Meu filho, você dorme aqui. Amanhã, segunda-feira, você vai numa entrevista na Ciplan, quem sabe ela não vai pegar você pra trabalhar?”. Amanheceu o dia, eu fui. Cheguei e tinha muita gente na fila: “Meu Deus, não vai dar certo aqui, não”... Eu entrei; comecei a trabalhar.

Quando eu peguei o dinheiro, mandei no endereço onde minha mulher estava. Chegando lá, ela não me avisou que vinha embora: pegou o dinheiro, comprou a passagem e

MINHAS PERNAS TREMERAM, MEU CORAÇÃO TUM, TUM, TUM.

veio. Já era na segunda-feira, eu voltei já pra trabalhar, chegou uma pessoa e falou pra mim: “Rapaz, tua mulher tá aí!”. “Não. Minha mulher? Como é que ela veio pra cá?” Ela pegou um táxi, desceu na Ciplan, e cadê o dinheiro? Que ela não tinha o dinheiro para pagar o táxi. O taxista foi perguntando pelo meu nome: “Não. Não tem essa pessoa aqui, não”. Eu tinha um apelido aqui, Tião Segundo, porque tinha o Tião Primeiro, que parecia comigo. Então, estavam procurando o meu nome e ninguém achava. Aí um guarda da Ciplan falou: “Olha, eu vou pagar o táxi, ele vai embora, e eu vou levar você mais seus filhos lá pra casa, amanhã eu compro uma passagem e mando vocês de volta”. Na hora daquela conversa, chega uma pessoa, olha pra esse menino meu e fala: “Rapaz, eu acho que eu conheço o pai desse menino, que tem uma pessoa que trabalha aqui que parece esse menino. Não, é o Tião. O Tião Segundo”.

Aí começou aquele sofrimento. Nem cama, nem uma panela eu não tinha. Ela chorava, pedia pra nós irmos embora, falei: “Não, nós já estamos aqui, como é que vai?”. Depois eu comecei a melhorar as coisas, fui trabalhando noite e dia quase, então levei dez anos pra conseguir essa casa da prainha.

Eu trabalhei na Fibral, de lá fui pra outra empresa em Brasília, onde eu trabalhei oito anos, na limpeza na Servicon. Com três anos, eu já tirei como encarregado, aí foi a confusão. Tinha gente que falava assim: “Rapaz, eu não vou obedecer esse companheiro, não. Nós formados e vão dar um cargo desse pra uma pessoa que não sabe ler, não sabe nada?”... Tinha uns 88 funcionários. Um dia entraram duas pessoas de paletó, passando nos andares tudinho. Começou lá de cima e desceu, chegou lá embaixo, onde eu estava: “Boa tarde”. “Boa tarde.” Ele olhou pra um lado, olhou pra outro: “Quem que trabalha aqui?”. “Sou eu. Trabalho eu mais esse rapaz aqui.” “Como nos outros andares não está igual a esse aqui?” Eu falei: “Doutor, é o seguinte, eu não sei por quê. Eu vivo daqui pra minha casa, da minha casa pra cá. Eu não vou no andar de ninguém, eu não quero saber se se eles estão limpando, o meu trabalho é esse daqui. Desço daqui pro vestuário, troco de roupa e vou pra minha casa”. Aí ele foi embora. Com uns 15 dias passaram quatro, tudo engravatado. Quando a gente via essas pessoas, a gente falava assim: “Hoje vão mandar alguém embora daqui”. Eu também falei: “Eu não sou, porque eu não fiz nada”. Daí a pouco desceu uma menina: “Seu Antonio, estão te chamando lá em cima”. Minhas pernas tremeram, meu coração tum, tum, tum: “Pronto. Vão me mandar embora. Mas eu tô trabalhando, não mato dia nem nada...”. Quando cheguei, estava uma mesa grande, todo mundo sentado e uma cadeira vazia. Cheguei, falei: “Bom dia”. “Bom dia. Pode sentar aqui.” Eu sentei, mas eu me tremia todo. O chefe da cabeceira, que era o presidente do INSS, ele falou assim: “Seu Antonio, a partir de hoje o senhor é o encarregado do órgão”. Aí foi que eu me as-



Sr. Antônio comemorando o seu aniversário com amigos e sua esposa Maria. 1990

sustei! “Eu?” “Sim. Você. Você não quer?” “Querer eu quero, mas tem uma coisa errada. Eu tenho que fazer pedido, tenho que receber um documento e vocês sabem que eu não sei ler.” Aí ele falou: “Não estamos precisando de gente formada. Eu estou precisando de gente inteligente, gente que trabalha. Você tira uma menina daquelas pra trabalhar com você, coloca na sua sala pra fazer isso pra você. Você vai ver o povo, vai trabalhar com o pessoal nos andares, e ela vai fazer o seu trabalho. Você tem carta branca também – se alguém não quiser trabalhar com você, você pode devolver e eu trago outras pessoas pra trabalhar com você aqui. À tarde, três horas, eu quero uma reunião com todo mundo”. Ele chamou todo mundo e falou: “A partir de hoje quem manda aqui é seu Antonio. É ele que é o encarregado de vocês. Agora, se tiver alguém que tem uma dúvida, que não quer trabalhar com ele, é só me falar agora. Eu trago outras pessoas pra trabalhar com ele”.

Aí eu comecei a trabalhar com esse povo e só via cochicho pra um lado, cochicho pra outro, mas eu fui levando de letra, porque aquela inteligência que a gente tem, aquela sabedoria que a gente aprendeu na roça, a gente usa ela até hoje, né? Eu comecei a trabalhar com esses meninos, e eles foram gostando. Foram três anos do órgão mais limpo que teve do INSS. Eu chegava na pessoa, eu não ia falar aborrecido: se estavam por acaso três pessoas que trabalhavam aqui, eu chamava a pessoa na minha sala, fechava a porta e falava: “Tá acontecendo isso, vamos melhorar por isso, por aquilo” E eu inventei outra coisa. Você chegava dez minutos, quinze minutos atrasado: “Seu Antonio, eu posso trabalhar?”. “Pode.” Eu falava com a menina: “Anota aí a que horas ele chegou”, e ela escrevia. “Pode trabalhar, você trabalha normal, bate o cartão normal, tudo do mesmo jeito.” No sábado tinha que tirar uma pessoa pra fazer hora extra. Então eu fazia isso, quando você completava um dia de serviço que você tava chegando atrasado, trabalhava num sábado, de graça... Você não perdia os dias do mês – tirava o seu mês completo e ficava muito alegre. A empresa me deu o maior dez por isso.

Eu fui diretor do Sindicato de Limpeza de Brasília por quatro anos. Eu aprendi aquilo que os meus pais falavam: “Vamos respeitar as pessoas”. Se eu respeitar você, com certeza você me respeita. Eu posso é não ter a leitura que você tem, mas burro eu não sou, de jeito nenhum.



Sebastião Rosa

A gente tem sonho

Nasci no dia 9 de março de 1953 na cidade de Monte Carmelo, Minas Gerais. Eu nasci na beira do Rio Paranaíba, quase divisa de Minas com Goiás. A gente estudava num rancho de palha de coco, era distância de dois quilômetros da residência. Tinha que subir uma serra, inclusive passando nas invernações, onde tinha muito gado bravo. Ia de manhã; passava na roça, trabalhava um bocadinho. Quando dava o horário da escola, ia pra escola, estudava até certas horas, que é lá pelas três da tarde, aí passava, voltava pra roça de novo pra depois voltar pra casa. Chegava em casa à noite. A gente ainda tirava um tempinho, que toda a vida criança tira um tempo e brinca, né? Eram umas brincadeiras que a gente fazia com sabugo de milho, brincadeira de chutar bola com lobeira, pescaria no Rio Paranaíba.

Não existia um chuveiro, não tinha um fogão a gás, então, dava certa hora, apagava as lâmpadas e dormia. Nós somos doze irmãos, eu estou na sétima posição. Eu comecei a



O SONHO DE QUEM ESTUDA POUCO NÃO VAI MUITO LONGE, NÃO.

trabalhar com 7 anos de idade. A gente pegava coco de babaçu a semana toda e no final de semana a gente quebrava pra vender a castanha pra manter a compra de casa, que era o açúcar, era querosene, essas coisas que a gente precisava em casa. Eu tinha um sonho de ser alguém na vida, de estudar, mas como não morava na cidade, era complicado, tinha vez que passava três meses sem ter professora. Às vezes ficava seis meses estudando na cidade e voltava pra roça. Estudei pouco. E o sonho de quem estuda pouco não vai muito longe, não.

Eu vivi com meus pais até os 11 anos de idade, quando a minha mãe faleceu. Passou dois anos e meu pai faleceu, então eu perdi os dois e fui morar na casa de um irmão. No começo da minha vida para o trabalho, eu não conseguia sozinho ganhar o dia de um adulto, por exemplo. O dia do homem tinha que ser eu e meu irmão trabalhando. Eu morei na faixa de seis anos com esse meu irmão, até inteirar 16 anos, e daí fui caçar meu destino. Fui trabalhar em Três Marias, na barragem, construir casa pra Cemig.

Um dia eu falei: “Eu vou embora pra minha cidade, não vou ficar mais em Três Marias”... Eram nove horas da noite, peguei um ônibus, cheguei em Paracatu. Fui no guichê da rodoviária e perguntei qual o ônibus que saía primeiro, se era de Monte Carmelo, se era pra Unaí, ele falou: “Sai o de Unaí primeiro, seis horas da manhã”. “Então é nesse que eu vou.” Em vez de ter ido pra minha cidade, eu vim pra Unaí. Quando cheguei, eu descii numa rodovia, estrada de chão, uns seis quilômetros até onde eu ia. Já era de noite, fui descendo. Cheguei na beira do Rio Preto e lá tinha umas canoas. Só que era um dia de festa e os canoieiros estavam tudo do lado da festa; eu cheguei do lado oposto. Ninguém me atendeu pra me passar na canoa, lugar cheio de mato – nadei e atravessei o rio, à noite.

Por coincidência, cheguei numa festa, lá está ela, minha esposa, que é a Antônia. Ela estava com a aliança no dedo, noiva. Tinha uma colega minha, a gente conversando, ela falou: “A Antônia vai casar daqui a 30 dias”. Eu falei: “Não, quem vai casar com a Antônia vai ser eu”. O noivo dela não estava lá por perto, tinha viajado. Nós dois fomos dançar e aí comecei a conversar com ela. Eu brinquei: “Se você jogar essa aliança fora, eu vou pôr aliança no seu dedo com o meu nome”. E assim aconteceu. Namoramos três meses, noivamos e casamos. A gente vive há 37 anos, graças a Deus. Então pra mim deu certinho, é aquela história: viver sem ela é complicado e eu tenho certeza que pra ela também é. Viramos dois assim que um depende do outro, não tem como.

A gente casou no dia 7 de setembro de 1977. Aí fiquei um ano lá em Unaí, perto dos pais dela, e depois viemos aqui pra Fercal, pra trabalhar na Grupi Materiais de Construção. Da Grupi veio o chamado pra trabalhar na Votorantim. Eu comecei a trabalhar de servente mesmo, era faxineiro do laboratório. Foi aí que começou a fluir alguma coisa melhor. Toda vida meu serviço foi esse, é serviço bruto, mas começou a melhorar em termo de emprego. Na Votorantim, a chefe do laboratório era a Marília. Estava tendo umas vagas, uma vaga melhor do que faxineiro, que era de analista físico, então eu perguntei pra ela se ela não podia me colocar numa vaga daquela. Ela falou: “Vou fazer uma experiência com você: se você passar, você vai ser classificado. Se não passar, aí tem o caminho da rua”. Fiz o teste; todo mundo calado. Passou uma semana, ela me classificou no laboratório como Analista Físico II. Daí, fui subindo.

O meu sonho era de ver a Fercal uma cidade muito boa pra se morar, uma cidade onde não existe violência, uma cidade bem arrumadinha, que a Fercal tem tudo pra ser isso. Aqui, como é uma zona rural, é local de mata, local de morro, de montanhas, que podia ter um turismo. Quando eu mudei para aqui, não tinha água encanada, não tinha energia, as ruas não eram asfaltadas e até era muito difícil. Hoje nós estamos vivendo bem, em vista do que era. Eu lembro quando a Caesb mandou furar esse poço aqui na comunidade, lembro da gente pegar caminhão e ir em outra cidade que estava mudando as redes, arrancar aqueles canos do chão pra fazer rede aqui na Fercal, que até hoje ainda tem deles aí no chão. E a gente pegava as ferramentas, ia cavar, fazer vala, botar os canos dentro e a Caesb chegava e ia ligando a água pro pessoal. Eu era louco pra ver isso funcionando pra todo mundo!

A energia? A gente andava isso aqui, era mato e não tinha nem uma lâmpada aqui pra dizer. Essa rodovia, não tinha. Era lamparina que a gente usava, vela. Aqui O Mundo das Tintas tinha um transformador de energia na época, mas era só da empresa. Dessa empresa passou a fornecer a quase todos os moradores. No final da história ninguém tinha energia, porque distribuiu com tanta gente que a energia não dava pra fornecer, era fraca, acabava. Nós saímos várias vezes dentro do mato à noite emendando fio que a chuva, o vento, tinha derrubado; não tinha rede, não tinha nada, era passado na gambiarra. Então hoje melhorou, evoluiu muito.

Tem jeito de melhorar? Eu tenho certeza que tem: melhoramento na cidade, reformar uma pracinha, bem feitinha, gramado, toda iluminadinha, é muito importante. Que na minha cidade eu fui zelador de uma fonte luminosa, onde tinha animais, tinha jacaré, tinha seriema, tinha saracura, tinha peixes. Então à noite tinha uma praça, enchia de gente. E eu ficava lá, tratando os animais. Era lindo aquilo ali! Tinha um viadutozinho que passava por cima da água, o pessoal passava, andava em volta nas calçadas. Então dava pra se divertir, era uma maravilha, você ia pra lá de dia de domingo, sábado, passear na praça. Isso eu tinha vontade de ver na Fercal.



Eurides de Lira Andrade

Uma coisa que a gente viu nascer

Eu nasci no dia 16 de maio de 1944 em Bom Jardim, Pernambuco. Meu pai separou de minha mãe, eu era pequena ainda. Nós somos quatro irmãos. Lembrança de minha mãe eu tenho porque nós mudamos de Pernambuco com ela, moramos em Ceres [Goiás], depois mudamos pra Minaçu [Goiás], daí ela morreu em Minaçu. Ela tinha o maior carinho com a gente, falava: “Minha filha, vocês têm de ter o exemplo que eu tive”. Naquela época não tinha esse negócio de estar nas ruas, não, sabe? Pra gente ir na casa de um vizinho, minha mãe falava assim: “Você vai lá, eu vou cuspir aqui, se você chegar e esse cuspe não tiver, você vai levar uma surra”. A vida nossa era desse jeito.

[Minha mãe] era dona de casa, assim que ela separou do meu pai ela trabalhava, dava aula na casa dela mesmo. Nós tínhamos sítio de café, eu pegava café e minha mãe pagava a gente. A gente tinha uma casa de farinha e rapava mandioca. Nós viemos para Formosa do Rio Preto, Bahia. Meu irmão mais velho falou: “Vamos sair daqui. Vamos embora, vamos pra Brasília”. Esse tempo ele trabalhou aqui em Brasília, nós ficamos em Formosa do Rio Preto. Lá era roça, você tinha de capinar. Eu bordava, fazia tricô, fazia tudo, aí eu não fui muito pra roça. Nós viemos de vapor dentro da água, a viagem foi muito longa.

Conheci meu marido porque nós morávamos na fazenda deles, era parente de uns conhecidos nossos, namorava o irmão dele. O pessoal dizia: “Você não vai casar com fulano, não, que ele bebe muito”. Aí vou pro outro. Separei do irmão dele, casei com o Ubirajara. Eu casei com 16 anos, porque o que é que eu ia fazer?... A gente não saía pra lugar nenhum, então casava.

Meu marido trabalhava na Sama; mandaram ele embora. Aí meu marido veio aqui pra Tocantins trabalhar. Nós ficamos lá no Minaçu, comprei uma casa pertinho da Sama. Lá eu tive meus meninos, e tive aqui também. De três filhos foi minha vó que fez os partos, tudo normal. Eu tenho cinco. Eu ganhei Eleocir, depois Eleonice e Ubiraci. Depois do Ubiraci eu operei, fiz a cirurgia, vim da Sama e operei em Ceres, dizendo eles que tinham me operado. Só que depois de cinco anos lá vem Maurinice, depois mais seis anos vem o Ubirajara, que é o Júnior. Aí nós viemos pra Fercal, meu marido veio na frente. Ele era mecânico, trabalhou na Tocantins e nos buscou.

Vim pra Fercal no dia 21 de setembro de 1972. Chegamos, descemos aqui direto. Ah, meu Deus, achei horrível isso aqui. Era uma poeira. Não tinha esse asfalto ainda, estavam mexendo nele. Mato, mato, mato. Estavam construindo, era muito carro pesado, maquinonas pesadas que passavam. Mas primeiro morei na Rua do Mato, passei uns três meses lá, aí vim pra cá e estou aqui até hoje. A Tocantins deu a casa, depois a Tocantins precisou das casas, porque era pertinho ali do estrondo. Nós saímos e viemos pra cá.

Na Rua do Mato tinha umas novenas que começam no dia 28 de novembro e terminam no dia 8 de dezembro. A gente não perdia uma novena. No São João, São Pedro, Santo Antônio, tinha festa junina, quadrilha, qualquer um dançava mesmo, até eu mesma: “Vamos ensaiar a quadrilha?”. “Vamos.” Era bonito e bom e saudável, sabe por quê? Porque não tinha briga, não tinha confusão nenhuma. Eles faziam o fogo, a fogueira, porque não tinha luz. E sabe de que a gente se maquiava? Com carvão. Colocava o bigodão de carvão, mas rapaz! A gente ficava era bonita. Tinha vezes que não tinha o tanto de homem, aí mulher também colocava pra dançar com a mulher.

Quando cheguei aqui com uma barrigona do Júnior, eu lavava louça e roupa nesse córrego aqui, e tomava banho. Tudo era no córrego. Era limpo, o pessoal até brigava por causa de pedra pra lavar a roupa, que era tudo na mão. Sabe que horas que a gente levantava aqui? Eu, minhas vizinhas? Cinco horas da manhã pra pegar uma pedra melhor. E vinha com aqueles pesões de roupa na cabeça. Tá pensando que é brincadeira? E eu tenho raiva quando chega gente de fora: “Aff, Maria, essa Fercal é isso e aquilo”. Não sabe o tanto que a Fercal melhorou. Ruim era quando nós estávamos aqui, quando a gente era mais nova, chegamos aqui, sofremos. Nós não tínhamos água e conseguimos fazer um “carneiro”. O que é o carneiro? Carneiro você fazia uma “cacimba” (lá em Pernambuco o pessoal fala “cacimba”), aí coloca o motorzinho e trazia a água pra cá.



Sra. Eurides Lira – Nildinha na primeira visita de um governador na região de Fercal. 1989

Não foi fácil, não [conseguir as mudanças na Fercal]. Nós fechamos a rodovia em 1984. Foi no dia 30 de março. Nós não tínhamos rádio, não tínhamos nada aqui, nós fomos na Rádio Capital lá no Plano, levamos tudinho direitinho, escrito tudinho à mão: “Tal dia vamos fechar a rodovia, queremos isso, queremos aquilo”. Foi quando eles vieram conhecer a Fercal. Primeiro a reportagem veio, nós levamos a reportagem nos lugares mais feios mesmo, nas águas só lama que a gente bebia nos “garrinchos”. Aí o governo começou. Quando foi parece que dia 31, o governo estava aqui com as máquinas, as máquinas que eu falo são os homens, né? Conseguimos o caminhão do seu Bil pro governador subir, aqueles caminhões de carroceria. Aí chegou o Roriz numa poeira, bem aqui nesse campinho onde agora é a feira, de helicóptero. Tava Caesb, CEB, segurança, telefone (a Telebrasil, nesse tempo). Nós participamos de tudo. Olha, eu não saía de cima, eu era a presidente da Associação nesse tempo. Aí teve um problema também: a Caesb não tinha os canos. “Vamos fazer vaquinha pra comprar esses canos.” Aí fizemos a vaquinha, arrumamos um caminhão pra ir buscar. Depois [que] conseguimos a água, a luz, veio a feira.

A gente aqui agradece muito ao Manoel Baiano, um morador antigo. Ele morreu, mas deixou esse fruto pra comunidade: quem não pode comprar água mineral vai na bica do seu Manoel Baiano e pega água à vontade. Ele foi uma pessoa muito boa. Foi ele que deu o campo. Não só o campo, não só essa água, como também aquele poço artesiano que tem ali em cima.

Eu separei do meu marido. Comecei a trabalhar no GDF, trabalhei na LBA, na administração de Sobradinho, numa creche que era da LBA. Lavei até roupa pros outros. Nós temos o centro comunitário, feito com suor nosso. Tinha cursos, costura, tudo tinha ali.

Eu tenho um sonho pra Fercal: um posto de saúde, pelo menos um, que nós não temos. Melhor, um hospital. Uma delegacia decente, que nós temos um postinho, mas não temos uma delegacia. Um colégio, que nós não temos aqui um colégio bom, sabe? Tem o Engenho Velho, mas é só até a quarta série. É isso. Tem mais coisinhas por aí, mas a saúde em primeiro lugar, educação e segurança. Não é?



Severino Ferreira

A festa é que vinha até a gente

Nasci próximo a Serra Talhada, em 12 de março de 1969. Quando eu dei a me entender que era uma pessoa, meu pai já não vivia com a minha mãe, aí cada um dos filhos tomou um destino. Eu nunca brinquei com criança; no tempo que era para eu brincar, minha madrasta me botava pra trabalhar. Eu via os meninos brincando de ciranda de roda, ficava muito doido pra brincar, mas ela não deixava. Por não ser filho dela, descarregava tudo em cima de mim, me batia muito.

Quando convivia com meu pai, eu devo ter estudado no máximo dois anos. Ele era tipo andarilho, era carpinteiro e fazia móveis, quando uma pessoa morria ele fazia o caixão. Ajudei muito a fazer caixão, era uma coisa que me fazia ter medo. Acho que aquilo me afastou um pouco da profissão dele.

Em Petrolina, no bairro Areia Branca, comecei a trabalhar com frutas, isso antes de fugir. A feira começava no sábado 3 horas da tarde, no domingo 11 horas acabava. No decorrer de seis meses, um ano, eu já tinha várias bancas. Eu não tinha dinheiro pra comprar, mas os donos das bancas me vendiam o que sobrava pra pagar com apuro, que seria com o dinheiro da própria mercadoria.



HOJE EU ME SINTO O
AVESSO DO QUE EU ERA.

Nesse dia minha madrasta tinha me batido, o que me levou a fugir dos meus pais, de ver o que ela me forçava a fazer. Tinha em torno de 11 a 12 anos. Pra fugir eu tive que ir pra rodoviária e chegando lá não tinha dinheiro, estava de short, chinelo havaiana, camisa simples. Pedi ajuda aos passageiros no sentido de passar como filho, foi a ideia que Deus me deu. Não consegui porque eu não tinha documento, ninguém queria me levar. Teve passageiros que me fizeram a proposta: “Olha, se você conseguir entrar no ônibus, tudo o que precisar no decorrer da viagem a gente banca pra você”. Eu consegui, e nesses ônibus de viagem costuma entrar um guarda pra vistoriar. O cidadão estava vindo na minha direção, e quando vi, me abaixei debaixo daquela última cadeira. Ele chegou até mais ou menos a penúltima, olhou, não viu ninguém, foi embora, o motorista deu continuidade, e fiz a viagem. Eu contei a verdade, porque todo mundo estava vendo as marcas que tinha no meu corpo. Todo mundo queria me ajudar.

Ah, me senti perdido de sair de um lugar pra não sei onde, sem destino. Fui parar em Serra Talhada. Chegando lá, achando que a irmã do meu pai morava em Jatiúca, peguei um carro à noite, estava chovendo, o pessoal me deu dinheiro. Como não cabia dentro do carro, eu fui do lado de fora, “dependurado”, as pessoas me segurando pelo braço, pegando aquela chuva o tempo todo. Não tinha nada pra carregar, só o que tinha no corpo. E chegando na cidade eu tive a notícia de que ela não morava mais lá, mas em Serra Talhada mesmo. Passei a noite; no outro dia me levaram pra casa de meus tios lá em Serra Talhada.

Passei um bocado de dia lá vendendo verdura e fruta na rua, a minha tia era muito boa pra mim. Aí eles resolveram informar pros meus pais onde eu me encontrava e meu pai chegou lá pra me buscar. Eu já tinha decidido a não ir mais com ele, com medo dele e da minha madrasta me baterem, mas não me bateram. Ele chorou muito. Ele perguntou se era isso que eu queria, eu falei que era. Ele: “Pra onde você quer ir?”. “Eu quero ir pra onde está meu irmão”, aí me levaram pra morar com meu irmão.

Ele era muito bom comigo, mas a mulher dele arrumou uma oficina para eu trabalhar, pra lixar carro, fazer serviço forçado. Eu muito novo ainda não dava conta de trabalhar em serviço pesado, o que aconteceu? Voltei de novo a fazer coisa errada. Que ela queria que eu aparecesse com dinheiro de uma forma ou de outra. Então vai lá de novo pegar as coisas dos outros... Sabia que era errado, que não era nosso, mas não sabia que aquilo era um roubo. E aí, mais uma vez, eu fugi, e fui detido. Esses dias que eu fiquei detido, eu passei muita fome, sofri muito. Não lembro se eu apanhei, se eles me bateram. Para sair da delegacia, dependia de uma pessoa de maior pra me buscar. Meu avô foi, conseguiu ficar sabendo através de um agente que trabalhava lá. Passei algum tempo morando

com ele, inclusive não queria que eu saísse. Só que eu queria vir pra onde estava minha mãe. Então me trouxe pra Brasília. Foi aí que houve a grande mudança, transformação, que minha vida mudou pra melhor.

Quando vim pra Brasília, eu não tinha muito conhecimento de nada. Chegando aqui eu tive outra decepção porque, acostumado com cidade, fui pro Queima Lençol. Quando eu cheguei lá de noite, falei: “Ah, cadê a rua? Não tem rua. Amanhã eu devo ver a rua”. No outro dia, quando eu acordo, lá não tem rua, só tem mato pra um lado e mato pro outro (risos). Até acostumar com a Fercal demorei muito, mas hoje tudo o que eu tenho foi através da Fercal, através das pessoas que me ajudam. Hoje eu me sinto o avesso do que eu era.

Foi difícil até eu conseguir me adaptar, mas consegui. Fiz muita amizade e comecei de novo no ramo do comércio. A minha mãe mais o meu padrasto tinham um barzinho, eu pegava refrigerante dele, comprava bolo, fazia pão com ovo e ia vender na Ciplan. Comprava pouca quantidade, e trabalhando eu comecei a buscar refrigerante em Sobradinho, num depósito na Quadra Central. Eu comprava uma, duas caixinhas, e no decorrer do tempo eu comecei a aumentar a quantidade. Ganhei a confiança do dono do depósito, comprava grande quantidade, ele ia lá e levava pra mim. Isso quando eu não levava no ônibus do motorista Mixaria. Que Deus ilumine Mixaria, ele me ajudou muito a crescer na Fercal. Nessa época, todo mundo já começou a conhecer quem era o Severino que vende lanche na Ciplan, então todo mundo me ajudava. Eu chegava na parada do ônibus, às vezes não dava conta, e o pessoal descia pra poder me ajudar.

Depois eu comecei a trabalhar na firma Planalto. Foi daí que eu comecei a fazer o Arraial do Severino, no Queima Lençol. A ideia surgiu assim: meu irmão teve uma doença e o meu padrasto fez uma promessa, ele tinha que colocar uma árvore com fruta no meio da fogueira, colocava fogo na fogueira, quando essa árvore caía, tudo o que tinha na árvore era para quem estivesse ali pegar, criança, adulto. Foi aí que eu tive a ideia de começar uma festa junina. Fiz o primeiro ano, fiz o segundo, foi crescendo, e chegou um ponto em que a Fercal é pequena pra fazer o Arraial do Severino. Fiz em torno de uns dez eventos no Queima Lençol, na minha rua eu fiz uns três, no seu Luiz eu devo ter feito uns quatro, cinco. Fiz mais uns três na Cohab em frente à Ciplan. O primeiro Arraial do Severino foi feito com radiola à pilha, com amplificador fornecido pela Tocantins, não tinha luz na época, eu comprei alguns lampiões, pedi outros emprestados. Então toda a comunidade participava: “Severino, o que você quer?”. “Preciso de lampião.” “E as palhas?” “Preciso de um caminhão.” Aí um me fornecia palha, um me fornecia o caminhão. [Quando fiz a primeira] eu tinha no máximo uns 14, 15 anos. Se não me engano, eu trabalhava na Brasília, uma firma que prestava serviço pra Tocantins. Na realidade eu fazia mais essas festas pra minha família se divertir. Ou seja, nós não íamos até a festa, a festa é que vinha até a gente. Foi assim que eu resolvi dar continuidade, fiz até pouco tempo. O Arraial foi interesse de mudar a visão da Fercal. E o interesse de mudar a Fercal foi quando a gente resolveu fechar a rodovia...



Delson da Costa Matos

Meu amigo, você acredita em milagre?

Eu nasci em 2 de setembro de 1951, neste bairro, aqui em frente à minha casa. Na época era parteira, se não me engano foi a minha própria vó. Então nasci antes mesmo de Brasília. Aqui é um bairro da Fercal, chamado Rua do Mato. Na época não existia a cidade que é hoje, a Rua do Mato se chamava Vão do Buraco e era uma das maiores comunidades rurais do município de Planaltina, que fazia parte de Formosa, Goiás. Aqui na comunidade tem uma igreja que tinha uma novena que começou por volta de 1800 e alguma coisa, na época da escravidão. Meu bisavô por parte de pai era escravo e casou com minha bisavó Coleta. Ele morreu e a gente chamava aqui de Coleta. Era uma família muito grande, a maioria homem, se eu não me engano, 18 homens. A fazenda era dos Gomes Rabelo, e os Coleta eram agregados e trabalhavam para o fazendeiro. A família



MINHA PREOCUPAÇÃO É PRESERVAR ESSE POUCO DA NOSSA TRADIÇÃO.

Gomes foi casando e foi ocupando dentro. Aqui era uma mata muito grande e tinha uma estrada carreira no meio da mata onde passava carro de boi para ir para Planaltina. Foram fazendo casa na beira da mata, fazendo casa, foi virando um vilarejo. Aí o pessoal de lá de baixo, do Vão do Buraco, falava assim: “Ah, ele mora na Rua do Mato”. Era pouca distância, mas, por causa da rua de dentro da mata, pegou o nome Rua do Mato.

Quando eu era criança, a gente morava na roça. O meu pai era vaqueiro responsável pela criação de gado da Fazenda Currais que fica também no Morro Canastra. Depois tinha a Fazenda Lajinha. O que eu lembro é que tinha um quintal muito grande, pomar. Quando chegava próximo às chuvas, a gente ouvia cantar aquela três-potes que de manhãzinha cantava no fundo do quintal. Realmente daí a pouco começava o tempo chuvoso. Na mudança de estação a gente tinha uns sinais da natureza. Naquele tempo era interessante, porque os proprietários não pagavam muito em dinheiro, não. Era tipo assim: de cada três reses que dava, uma era do meu pai. Assim ele trabalhou muito tempo. Quando chegou certa época, ele já tinha um gadinho bom, vendeu o gado e comprou um sítio numa localidade chamada Brocotó aqui pra baixo. Ele mudou pra lá, mas isso já foi cá bem na frente, que foi depois de Brasília.

Minha juventude era dividida porque eu estudava em Planaltina, só vinha aqui nas férias, vinha pra cá pro nosso leito. Na minha criancice ainda lembro das Folias do Divino que tinha muito na região. E uma novena muito tradicional que foi criada por nossa bisavó Coleta, a novena da Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro. E o núcleo rural que tinha mais gente era aqui na Rua do Mato. Então vinham as pessoas de mais longe, vinham até de carro de boi, a cavalo, e acampavam lá onde hoje é a igreja, ficavam os nove dias da novena acampados. No último dia, aí o pau quebrava, era forró, era leilão, era desse jeito.

Acontece que vindo de longe essa tradição, aqui na nossa região era constante, não vinha padre. Eu só fui ver padre quando fui estudar, nunca tinha entrado numa igreja. Então nós fazíamos nossas próprias rezas aqui na região, tinha a novena e tinha as folias. Primeiro a devoção, que é a parte religiosa, depois a diversão, que era a parte da festa... Inclusive eu era criança e paguei uma promessa e, falar francamente, eu tenho crença no Divino Espírito Santo mesmo, sou devoto. Porque tem várias fases na minha vida que eu tenho como testemunho da fé nesse Divino Espírito Santo.

Depois eu encontrei com o Divino Espírito Santo em 74. Eu entrei numa briga, fui esfaqueado e fiquei internado no hospital uns 40 dias mais ou menos, porque a faca tinha raspado o pulmão. Quando eu saí, o médico falou: “Meu amigo, você acredita em milagre?”. “Doutor, hoje em dia a gente acredita em tudo.” Eu falei: “Por que, doutor?”. “Porque se você acreditar em milagre, pode ter isso como milagre, porque eu fiz a minha obrigação de cirurgião, mas não dava nada pra você e você conseguiu.” Aí quando encontrei uma mulher que eu tinha um caso, ela falou: “Delson, como é que tá, você sarou?”. “Sarei.” “É o seguinte, eu fiz uma promessa pra você, você tem que cumprir.” “Promessa? Que promessa?” “Eu prometi que quando sarasse você ia lá na Trindade e colocava a sua foto na imagem do Divino Espírito Santo.” “É mesmo?”. Quando estava bom, fui lá cumprir minha promessa.

Meu filho mais velho era um cara jovem, disposto, um cara demais, trabalhador; não tinha coisa ruim pra ele, não. Aí no final de semana, saíram ele e os primos dele, com mais três namoradas, cada um com uma, o carro cheio. De lá pra cá o carro capotou. Rapaz, os outros não tiveram nada, ele foi atirado, ele tava sem cinto, atirado muito longe, caiu dentro de uma gruta...

Ele tava praticamente morto na UTI. Nós fomos um dia visitá-lo, o médico falou: “Olha, gente, vocês podem ir preparando de hoje pra amanhã, porque não passa de hoje, não. Teve uma pneumonia, é grave a situação dele, não tem jeito mais não”. Minha mulher entrou e eu saí. No Hospital de Base lá no segundo andar, eu olhei assim, saí, conversei com o Divino Espírito Santo. Fui embora. Quando foi no outro dia de manhã, entramos na UTI, cadê ele? Não tá na UTI. “Cadê?” “Não sei. Deixa eu procurar aqui.” Procurei, nada, não achavam o nome dele, falei: “Tá lá, né?”. Vem uma pessoa lá do fundo. “Quem é que você tá procurando?” Falei o nome dele. “Tá ali na enfermaria.” “Enfermaria?” Quando cheguei lá, quem tava entubado todo magro... Respirando normalmente e numa cadeira de rodas. Só que ele não tava reconhecendo ninguém, mas estava sentado normalmente. Então eu sou devoto do Divino Espírito Santo por causa disso.

Nós criamos em 2005 o Grupo de Folia Cavaleiro Divino. Nós criamos pra resgatar a folia tradicional. Às vezes a gente fica preocupado com o futuro nesse local que a gente nasceu. Temos nossas raízes fincadas aqui, então a minha preocupação é preservar esse pouco da nossa tradição, essa semente que nós perdemos no passado, como essas pequenas coisas da tradição da região e a questão da natureza aqui, da preservação do que nós ainda temos. Eu penso assim: se existe em todo esse mundo, existe sim uma cidade que pode conviver com a natureza que nós temos, sem perder as empresas que trabalham aqui na exploração de minério e que são importantes pro desenvolvimento da cidade. Então essa importância não deve ser desprezada, mas tem que haver uma conciliação entre natureza e desenvolvimento.



TERMINOU A CAMPANHA, FUI DIRETO PRA UTI.

de milho, puxava os cabelinhos da espiga, botava os bracinhos de fósforo. Eu fui muito feliz nessa época lá na Vila Dimas.

Eu já tava, assim, com 17 ou 18 anos, não lembro, quando eu conheci o Delson. Ele dava dinheiro, dava uma balinha, um chiclete para o meu irmão entregar cartinha pra mim. E a coisa foi caminhando pra um rumo, que nós ficamos namorando. Meu pai falava bem assim: “Eu prefiro ver a minha filha casada com um cachorro a um PM”. Não queria o casamento em hipótese alguma. Eu fui e falei pra minha mãe, que eu era tão autêntica como ela: “Se a senhora não me deixar namorar, não me deixar casar, eu vou fugir igual a senhora fugiu. Eu vou fugir”. Mãe sempre dá aquele jeitinho, aí foi conversando, conversando com o meu pai. Aí começamos a namorar mesmo. Meu pai concordou não concordando, mas preferiu arrumar o casamento.

Eu não tinha planos de vir morar aqui na Rua do Mato, na Fercal. Eu já tinha a Deise, estava com oito meses, tinha o Daniel, Júnior e Daniele, cada um na barra da saia, um pegava de um lado, outro pegava de outro. E eles estudavam do lado do HUB, onde eu trabalhava; iam e voltavam comigo, que na época tinha ônibus funcional. E Delson entrou de licença especial, ele tinha um Opala, e como gosta muito de fotografar, pegou a máquina e simplesmente: “Fui”. Nós não nos separamos, ele foi curtir a licença especial dele, e eu fiquei com os meninos.

Ainda morávamos de aluguel nessa época, na Ceilândia, onde era o pior lugar mesmo de se morar. E eu saía cedo, cinco e meia, pra seis horas pegar o ônibus funcional. Aí Delson não dava notícia, e eu com aqueles meninos ali naquela confusão danada, dormindo sozinha mais as crianças. Aí eu pensei: “Gente, eu não sei o que eu tô fazendo aqui nessa Ceilândia”. Do nada me deu um estalo. E quando me dá um estalo assim, não tem nada que tire pra eu deixar de fazer. Fui lá ao centro da Ceilândia, vi um caminhão, falei: “Moço, quanto o senhor cobra pra levar a minha mudança daqui pra Fercal?”. O cara, se eu não me engano, falou: “Cento e 20 mil” – naquela época. “Moço, então, por favor, cinco e pouco o senhor esteja à minha porta. O senhor aceita um cheque pré-datado pra 30 dias? Olha, pra onde o senhor vai levar a minha mudança, lá eu vou ficar”. Ele: “Eu aceito”. Ainda ajudou botar os cacarecos tudo. Quando foi lá pelas 11 horas da noite nós conseguimos vir pra cá debaixo de uma chuva... Isso aqui era só argila, não tinha nenhuma casa desse lado, isso aqui era tudo terra vermelha, argila mesmo, porque a Tocantins explorava aqui. Era um morro de argila, onde é o lugar da minha casa.

Nelita de Souza Matos

A vida da gente é uma verdadeira política

Eu nasci em Novo Acordo em 28 de setembro de 1956. Meu pai era comerciante, era pobre, ele veio de São Luís do Maranhão para o Tocantins, chegou lá ele roubou a minha mãe, porque os pais da minha mãe não queriam o casamento com um aventureiro. Eles vieram pra Brasília, no comecinho, em 56, eu tinha poucos meses de vida. Ele tinha uma bicicleta de carga, e saía vendendo peixe lá no IAPI para os operários de Juscelino Kubitschek. Na época se criou a cidade de Taguatinga Sul, onde ele foi contemplado com um lote.

Eu não tinha boneca, não tinha brinquedo, naquela época, não tinha brinquedos evoluídos na tecnologia como são hoje, mas assim, as minhas amiguinhas vizinhas, a gente brincava de “cozinhadinho”, a gente pegava uma latinha de sardinha, fazia a panelinha. Queria brincar de boneca, a gente ia lá ao quintal do vizinho, roubava uma espiguinha

Casamento da Sra. Nelita e Sr. Delson no altar da igreja Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. 1974



Eu cheguei meia-noite com o caminhão, com os meninos, com os cacarecos, meu sogro acomodou e tal. E, coincidentemente, o primo dele mudou pra Planaltina e a casa ficou pra alugar. Eu corri e aluguei essa casa. Quando Delson veio das viagens dele, terminou a licença-prêmio, ele foi direto na Ceilândia. Chegou lá, cadê a mulher? Cadê os filhos? Sumiram. Ele perguntava, os vizinhos: “Não. Sei não. Ela mudou. Chegou com o caminhão aí, encheu o caminhão e não falou pra onde ia”. E eu não tinha falado mesmo pra vizinhança pra onde tinha vindo. Ele veio pra cá e eu já tava lá na casa com os meninos. Chegou: “Pai, cadê minha mulher? Cadê os meninos?”. “Uai, sou eu que vou saber da sua mulher e dos seus filhos?” Meu sogro deixou ele sofrer um pouquinho; quando foi de manhã, falou: “Vá lá naquela casa”. E assim começou.

Logo que terminou a exploração de argila falei para o meu sogro que queria um pedacinho pra construir uma casa. Ele me deu esse terreno e levantamos essa casa. Terminamos lá em 98 e estamos aqui no cantinho.

Na época não tinha telefone, a gente era assim, bem jogado mesmo aqui, principalmente na Rua do Mato. Quando foi em 1998 falei: “Vou sair candidata a deputada estadual pela Fercal”. Naquela época eu era filiada ao Partido dos Trabalhadores. E sem dinheiro, sem nada, só com a ajuda dos amigos mesmo, eu ainda consegui 1.798 votos aqui na Fercal. Mas também, terminou a campanha, fui direto pra UTI. Por que eu decidi sair candidata? Pra mostrar que a Fercal existia naquela época. Mas pra mim foi válido. Válido, porque pelo menos eles viram que a Fercal, se nós quisermos nos unir, a gente tira um distrital daqui.

O meu sonho, assim, é nunca parar. Parar quando morrer. Eu não saí da política e nem a política saiu de mim, porque a vida da gente é uma verdadeira política. Assim, eu quero continuar trabalhando em prol da minha comunidade, da minha cidade, da RA31, da administração da Fercal.



Salvio Humberto Safe de Matos

Se Brasília tem uma mãe, a mãe de Brasília é Fercal

Eu nasci em Patos de Minas, Minas Gerais, 19 de setembro de 1953. Meu pai se chamava Diomar de Matos e minha mãe Rashid Safe de Matos. Meu pai era advogado e minha mãe sempre foi professora. De Patos de Minas, eu vim pra cá com 8 pra 9 anos. Minha infância foi uma infância muito rural. Quando nós viemos pra cá foi uma vida totalmente diferente, a gente mudou pra Brasília, era uma agitação enorme, uma poeira vermelha, uma coisa incrível. Meus pais vieram pra a inauguração de Brasília, minha mãe se encantou pela cidade. Ela voltou pra Patos dizendo que queria morar em Brasília. Meu pai não queria em hipótese alguma. Minha mãe deixou essa filharada toda em Patos, veio pra Brasília de ônibus, fez um concurso pra professora primária e foi classificada em primeiro lugar. Então ela falou: “Eu vou”. Meu pai disse: “Não tenho condição, eu não vou largar a minha vida aqui”. Minha mãe botou os filhos todos no baú e veio pra Brasília, morar lá em Taguatinga Sul. Antigamente ninguém morava em Taguatinga Sul, aquilo lá era Vila Dimas. Meu pai demorou dois anos pra vir. Eu sou de uma família muito grande, eu tenho sete irmãos. Com 10 anos de idade, eu vim conhecer a Fercal com um vizinho.



DAS MONTANHAS DA FERCAL QUE SE CONSTRUIU BRASÍLIA.

Eu saía de Taguatinga eram cinco horas da manhã, assistia à aula, que ia de sete e meia até meio-dia, ia chegar em casa duas e meia da tarde. Brincadeira daqui de Brasília era bets, pipa e futebol. No ano seguinte, nós já mudamos pra W3 Sul, fui estudar pertinho de casa. Quando eu era adolescente, Brasília era um lugar assim fantástico. Eu morava numa quadra, e as quadras tinham as casas geminadas. Então ali se criava um clima de amizade que até hoje as pessoas são extremamente amigas. Quando comecei a namorar a mãe dos meus filhos, eu tinha 14 anos. Era minha vizinha, os pais são amigos dos meus pais, casei com 22 anos, tivemos dois filhos.

Desde criança eu adoro pedra. Sempre gostei de colecionar pedra, brincar com rochas. A minha mãe diz que a paixão do meu avô era garimpo. E isso é verdade, porque eu tenho até fotos antiquíssimas dele secando rios, na época podia (não tinha Ibama) pra tirar o diamante no fundo do rio. Então talvez venha dessa genética lá do meu avô. Eu fiz vestibular pra Geologia, me formei em 1976. Comecei a trabalhar como geólogo, tinha tanta opção de emprego, porque Geologia era um curso relativamente novo, a gente vivia uma época no Brasil das grandes pesquisas minerais. Eu nunca fiz nada que não fosse ligado à mineração. E depois que eu deixei de ser funcionário, tive marmoraria, pedreira, sempre trabalhei com prospecção mineral.

Naquela época, em 1976, não existiam mapas, então a gente ia criar os mapas geológicos das regiões, principalmente do Tocantins, eu que mapeei, Projeto Natividade. E era um trabalho que você ia para o campo e em cima das fotografias aéreas você construía os mapas geológicos, que deram origem ao arcabouço da geologia do Brasil. Em 81 eu vim trabalhar no Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), vim ser chefe de um projeto chamado Projeto Ouro, foi naquela época do boom do ouro no Brasil, Serra Pelada, Cumaru... Foram três anos de Amazônia. Procuramos levar o mínimo de condição de trabalho para aquelas regiões.

Eu acabei na Fercal por causa de um garimpo. Quando eu saí do DNPM, eu abri uma empresa de prestação de serviço... Depois, resolvi montar um garimpo no Rio Santo Antônio, muito bem organizado. Era uma área toda recuperável. Só que houve uma enchente muito grande na Bahia em 86, inundou todo o meu garimpo, eu perdi absolutamente tudo. Mendes Júnior e Engeservice, depois Conservice, eram grandes empresas na época. E eu passei a dar consultoria pra eles na área de mineração nos anos de 87 e 88. Em 1989 o doutor José Mendes resolveu sair da Mendes Júnior, eu era muito ligado a ele e tal, e ele falou: “O que você quer fazer na vida?”. Eu falei: “Rapaz, eu gostaria de montar uma pedreira em Brasília”. “Então você tem a área?” “Tenho a área pra montar.”

“Eu entro de sócio seu nesse empreendimento.” Aí ele me deu o dinheiro pra comprar a antiga Fazenda Cachoeira. Foi assim que eu vim parar na Fercal, em 1989, comecei a montar a pedreira, que viria efetivamente a funcionar em outubro de 1990.

Quando eu vim pra cá, eu tinha que trabalhar muito, e comecei a trabalhar com pessoas da Fercal. Naquela época Fercal era muito pequena, e o que acontecia? Você está aqui, o seu funcionário te chama pra ir pra casa dele, te chama pra ir lá lanchar, chama pra ajudar na laje. Eu era novo, gostava, aí fui me apegando. A Fercal era um lugar muito diferente, porque era uma vila dentro de uma cidade grande, então todo mundo muito amigo. Aí a gente foi se empolgando e aprendendo um pouquinho da história da Fercal e das comunidades, e ficando amigo de todo mundo, ajudando a construir o centro comunitário nas várias comunidades. Eu vivia e morava na Fercal. Eu me separei no final de 89, exatamente quando eu montei a pedreira. Agora eu tenho dez anos de casado [com minha segunda esposa] e uma filha adotiva do meu atual casamento, filha da minha esposa.

Quando eu vim pra cá, eu tive uma acolhida fantástica. Era uma comunidade carente, que tinha, na verdade, uma série de pessoas que brigavam por ela, mas todo mundo muito esparso. Nós resolvemos fazer uma associação das associações comunitárias. Eles fizeram essa Associação e me elegeram presidente. Então eu fiquei três anos. O que nós fizemos? A gente resolveu, pra ter força, juntar. Formamos como Comissão Pró-Melhoramento da Fercal. A gente fazia uma lista das demandas e ia correr atrás. Aí foi criada a primeira gerência da Fercal e nós optamos por extinguir a Comissão Pró-Melhoramentos.

Não tinha festa na Fercal pra reunir menos que 400 pessoas. E a inauguração dessa estrada aqui, nossa!, a fila de caminhões tinha três quilômetros de comprimento. Fizemos churrasco no Queima Lençol pra 500 pessoas. Era muito bacana. Eu falo assim de coração: eu adoro a Fercal, a Fercal me deu muito mais do que eu dei pra Fercal. Foi extremamente marcante receber um título de cidadão honorário, afinal de contas virei cidadão da cidade que eu adoro por decreto. Eu acho que todas as medalhas que se pode dar em Brasília: da Polícia Civil, dos Bombeiros, do DR, da Ordem do Mérito de Brasília, da Comenda do Mérito de Brasília, a Dom Pedro II, eu ganhei, e todas elas partiram de indicações por trabalhos prestados à comunidade. O título que eu realmente gosto é o título de cidadão fercalense. Esse aí é o que realmente me faz muito bem. Grande parte da Fercal continua muito próxima a mim, eu me sinto muito bem com isso, continua sendo a Pedreiras Contagem uma porta aberta pra qualquer pessoa que venha.

Existe aqui um ditado: “Quem bebe a água salobra da Fercal, da Fercal não se esquece”. Entendeu? É a única área de Brasília com morros, com montanhas, com ciclismo, com cachoeiras, com empresas, com cavernas, grutas. Se Brasília tem uma mãe, a mãe de Brasília é Fercal, porque da Fercal saiu toda a matéria-prima da qual Brasília foi construída. Das montanhas da Fercal que se construiu Brasília. Não tem nenhum pedaço de Brasília que não tenha uma parte de trabalho de um morador da Fercal.



Luiz Firmino de Souza

Eu já contei essa história pra muita gente

Diz que eu nasci nesse dia, eu não vi. Se vi, não entendi. Foi no dia 6 de maio de 1933, em Tauá, Ceará. Meu pai era um homem alto, é até bem parecido, mas morreu. Minha mãe era uma mulher baixa e tranquila. Meu pai vivia de negócio, comprando porco, galinha, bode, e vendendo na cidade, em Crateús. Eles pelejavam com a vida porque ganhavam a vida assim trabalhando de qualquer jeito e tal e iam levando a coisa. Porque gente pobre sabe como é, peleja daqui, peleja acolá, briga com um, arruma com outro, mas gente pobre só vive de sofrimento mesmo. Toda vida fui brincalhão. Toda vida brinquei e acordei cedo e comecei a tratar da vida pra aqui, pra acolá trabalhando. Eu estudei em Crateús. Crateús era minha cidade, a cidade em que eu fui criado. Estudei lá uns tempos, depois fiquei adulto, larguei pra lá: “Eu vou cuidar em trabalhar”. Fui embora pra Fortaleza, lá eu danei por aquele sertão do Ceará, Iguatu, praquela mundo lá trabalhando nuns e



TODO SÁBADO ERA UMA FESTA LÁ EM CASA.

noutros cantos. Dezoito anos mais ou menos, eu fui vaqueiro, fui tudo na vida. No sertão do Ceará eu corria atrás de boi brabo.

Eu fiquei pouco com o meu povo porque eu vim do sertão trabalhar, do sertão eu desan-dei pra cá pra vir ganhar dinheiro em Brasília, cheguei e ganhei, foi a vida, eu fiquei com a vida comprida demais e sem opção pra voltar. Vim parar aqui, trabalhei com o Roure dez anos – ele que me deu isso aqui.

Quando eu completei a idade mais ou menos de 26 anos, eu vim embora. Cheguei aqui na Cidade Livre, no Núcleo Bandeirante. Calixto era chefe das máquinas da Camargo Corrêa. “Eu vou fichar 50 homens de hoje pra amanhã pra irem pro rio. Vocês vão fazer os bueiros” [da estrada federal que descia lá do Café Planalto]. Aí quando foi um dia de manhã, nós estávamos trabalhando, chegou o seu Alfa: “Estevam, pega aqueles rapazes pra nós levarmos eles lá na galeria pra fazer um serviço, que a máquina não deu conta de tirar a terra”. A galeria era aqui na subida da Fercal. Eu pegava um serviço e fazia mesmo. Aí peguei de um lado, fui tirando terra e fui jogando dentro dos carros, o sujeito ficava parado: “Tira o carro daí”. Tirava pra lá, eu enchia o outro. Seu Alfa tá lá em cima olhando. Quando foi de tarde, ele disse: “Olha, baiano, se você não achar ruim ficar aqui, você vai ficar aqui mais nós. Você pode pegar suas coisas lá no acampamento até amanhã e vem embora pra cá”. Eu estava achando bom, porque dormir naqueles alojamentos lá cheios de pulga, percevejo e tudo... Nós dormíamos debaixo de uma lona grande armada. Tava faltando um marteleteiro, eu era novo, tinha muita força e era interessado no serviço, iam me levar pra terminar o serviço do piso do rio que era justamente a estrada de ferro. “Leva aquele rapaz pra lá, que ele é bom.” De sábado pra domingo nós íamos dormir na pensão, ia lá praqueles puxa-faca e tal e no outro dia ia embora. Mas eu cansei de ficar furando pedra de noite com a luz acesa no compressor, furando pedra de noite que é pra eles detonarem no outro dia. Eu pedi as contas e eles disseram que não podiam dar, não. Aí mandaram eu vir embora pra Brasília. Fiquei de guarda. Depois, eu vim pra cá, cheguei na Fercal, no Queima Lençol, em 60.

Vim parar nessa pedreira, que era do finado Roure. O nome da empresa dele era Fertil. Trabalhei com ele dez anos. Depois ele vendeu a pedreira pra Ciplan e me colocou lá. Eu trabalhei na Ciplan 23 anos. Conheci minha esposa aqui mesmo. Ela nasceu e se criou no morro pro lado do Torto. Tivemos seis filhos, quando eu juntei com ela, ela tinha quatro. Eu digo: “Não tem problema, não. Eu registro esses meninos”. E registrei tudo como filho. No total são dez. Todo sábado era uma festa lá em casa. E era ali, uma casa de tábua que está lá até hoje. Dançava forró mesmo. Pior é que no outro dia às vezes eu tinha que tra-

Luiz Firmino e outros agricultores na entrega de sementes do Programa para Agricultura Familiar. 2003



balhar, não parava o forró, não. Só parava na hora de ir trabalhar. Nós dançávamos a noite todinha. O que tocava era uma radiola. Eu a chamo de cabeça de paca. Radiolinha velha que eu tinha, colocava ela debaixo do braço, saía aí fazendo forró no meio do mundo. Tinha dia que não tinha aqui, eu ia pra esses interiores e o pau quebrava.

Quando eu vim pra cá [o Queima Lençol] isso aqui era mata até chegar lá no córrego da Fercal. O córrego da Fercal descia lá atrás. Não tinha ônibus, tinha uns caminhões que passavam aí carregados de brita ou de areia que vinha aqui da cachoeira, a gente pegava carona e ia pra cidade, mas às vezes pra voltar precisava vir a pé, de noite. Plantava o pé lá e vinha embora. Uma vez eu vinha numa bicicleta com uma feira na garupa. Comprei um saco de arroz e um bocado de coisa e tal, aí o compadre Chico: “Não, pega essa bicicleta, vai nela, depois você a traz”. E eu amarrei esses sacos nessa bicicleta e vim de lá pra cá no escuro. Quando chegou naquele morro lá era muito alto e essa bicicleta embalou comigo de cabeça baixo, eu digo: “Não. Eu não vou morrer lá embaixo, não”. Lá embaixo tem uns buracos, um buraco que você não vê o fim. Eu digo: “Vou morrer aqui mesmo”. E toquei ela pra cima do morro, ela subiu um pouco, eu caí de costas lá no meio da serra. Deu um trabalho pra eu arrumar essa bicicleta pra poder vir embora, porque ela enjangou o guidão, não tinha um troço pra eu voltar o guidão dela pro lugar e ela rodava e ia pegando no para-lama. Foi um sacrifício pra eu chegar aqui em casa, morava lá embaixo. Eu ataquei com essa bicicleta empurrando ela com a feira, misturou arroz com açúcar e tudo. Quando cheguei lá em casa eu digo: “Ó, mulher, eu levei um tombo ali, eu não sei como é que tá esse negócio, não. Mas deixe isso aí, amanhã a gente olha”. Quando foi no outro dia ela foi catar arroz, catar feijão, açúcar, tudo misturado.

Depois veio o ônibus pra cá e hoje tem ônibus aí direto. Hoje melhorou, tem essa fábrica que funciona, solta cimento adoidado. Tem os britadores ali, esse ano soltaram muita brita. Tem uma fábrica de manilha que solta manilha direto aqui embaixo. E sempre tem serviço, tem muito serviço. Antes do Roure morrer ele me deu essa área, era particular, não era da pedreira. E a área do posto de saúde fui eu que doei. Hoje eu só trabalho aqui na roça e trato de porco, galinha e bode.



Mércia Ferreira da Silva

A gente fazia tudo: vacina, injeção, fiz até parto

Nasci em 23 de setembro de 1955 em Salina, Goiás. Eu tenho imagem dos meus pais muito boa, muito bonita e muito sofrida. Naquele tempo as pessoas sofriam muito pra criar os seus filhos, eles trabalhavam em roça, lutavam muito pra poder sustentar os 12 filhos. Mas era uma vida muito boa, que era todo mundo unido, tudo em casa. Nós íamos pra roça pra ajudar o pai. Chegava da roça, ia ajudar a mãe. Lembro como hoje da casa de palha e pau a pique. A gente dormia em cama de vara, com colchão de palha. Minha mãe fiava na roda o algodão que colhia na roça pra fazer o pano do colchão, das nossas roupas e fazia boneca de pano. Ela cortava os panos, enchia de algodão, cortava uma fitinha preta, um paninho preto, desfiava e fazia o cabelo, pegava uma linha vermelha, fazia o olho, a boquinha. Era do que nós brincávamos, bonequinha de pano. Era Mariana, minha bonequinha.

NO CATINGUEIRO, SE VOCÊ PEDIR UMA AJUDA, TODO MUNDO PARTICIPA.

Naquele tempo a gente nem estudava, não conhecia a cidade, não conhecia nada, não conhecia um carro. A primeira vez que eu vi avião, eu saí gritando, correndo, chorando, com medo. Eu fui conhecer carro quando tinha uns 12 anos. Conhecia carro de boi, que a gente usava pra moer, fazer rapadura, era engenho. Em Salina eu fiquei até a idade de 15 anos, quando fui de vez pra Planaltina. Fui trabalhar em casa de família pra ganhar roupa, comida, pra estudar e ter material de escola. Não tinha pagamento, não; trabalhava durante o dia e estudava à noite.

Da escola mesmo já comecei a namorar. Casei com 22 anos, conheci o meu marido em festa, nós dançando, começamos a conversar. E ele é primo do meu primeiro marido. É que eu casei primeiro, vivi um ano, separei, depois namorei um primo dele, que estou até hoje, 42 anos. A gente vive bem; criamos os filhos. Com o primeiro eu tive uma filha. Agora com esse tenho seis. Em 1973, nós mudamos pra Catingueiro.

Quando a gente foi morar junto lá em Catingueiro, não tinha água encanada, não tinha energia, tudo era lavado no córrego, água pra manter em casa era do córrego, os filhos banhavam no córrego. Lamparina, não existia energia. Em 88 chegou energia no Catingueiro, mas pra comunidade lá embaixo. Pra mim não, pra mim foi só em 92 que chegou. A gente comprou uma bomba, que colocou a água, e aí que foi começando a melhorar. A primeira geladeira foi a gás, depois veio a televisão. Nem ônibus existia. O primeiro ônibus que entrou no Catingueiro foi em 88.

Eu sempre trabalhei em casa de família. Em 83 eu entrei na Secretaria de Saúde, no Catingueiro. Foi muito bom, porque foi ali que eu comecei a ajudar a dar sustento para os meus filhos. Quando eu recebi meu primeiro salário, foi o primeiro iogurte que eles tomaram. Então comprei boneca de verdade para as minhas filhas. A vida foi melhorando, graças a Deus. Quando entrou a Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), a gente começou fazendo reunião nas casas, fazendo doce, essas coisas, reunia numa casa um final de semana, em outra casa no outro dia. E aí a gente deu a ideia para o pessoal da Emater: “Vamos conseguir um posto de saúde, alguma coisa”. Foi na época que veio o pessoal do Hospital de Sobradinho, fazia reunião debaixo das árvores porque não tinha nenhum local pra se reunir. Em 29 de agosto de 83 o posto de saúde foi inaugurado.

Quando eu comecei no posto foi que a Emater fez essa reunião com o pessoal da saúde. O pessoal do hospital falou: “A comunidade vai votar quem vai fazer o curso”. A comu-



Almoço de festa das mães:
Dona Mércia na festa
das mães junto com a
comunidade. 2001

nidade votou em mim, em João Miguel e em Raimunda do Galeno. A gente foi fazer curso, estágio. E em 83 entrou no posto, que já estava pronto. Fiquei até agora, 22 de maio [de 2015].

Quando eu comecei a trabalhar no posto é que a gente foi se envolvendo com as comunidades. Tinha que marcar consulta, era muita distância, muito morro, sol quente, chuva. Tudo a pé, a cavalo, era muita aventura... A gente fazia tudo: vacina, injeção... Fiz até parto. Eu peguei uma camisola, calcei uma luva, cheguei lá, o neném tava coroando, eu acabei de pegar, pus no carro e levei para o Hospital Sobradinho. Trabalhando na saúde, vêm muitos problemas. Às vezes a pessoa chega agitada, você tem que saber conversar. Eu acho que isso é muito importante pra uma pessoa saber lidar com outra pessoa. Eu aprendi muito isso na minha vida. É saber respeitar e ouvir as pessoas.

No Catingueiro, se você pedir uma ajuda, todo mundo participa. É uma comunidade unida! Quem formou primeiro a associação daqui foi o João Miguel, foi o primeiro presidente, depois vieram mais dois, depois eu. Aí enfiei de cabeça, fiquei oito anos com a comunidade, que fez uma reunião, votou e indicou: “Mércia, entra”. “Ah, será que eu vou dar conta disso, gente? Eu não vou, não. Eu não tenho muito conhecimento.” Mas com o tempo você vai pegando conhecimento. Na hora que você pega aquela responsabilidade, você tem que ser disponível pra ela, você tem que trabalhar integrada com a comunidade. Tudo que for fazer, você faz com amor. Foi na época em que colocamos água tratada, que a gente doou o terreno pra fazer o poço artesiano. Fizemos a igreja nova, reforma do centro comunitário. A gente fazia mutirão. Ônibus no Catingueiro: juntei com a comunidade, levamos pra conseguir os horários, os itinerários certinhos. Nossa senhora, o Catingueiro mudou muito, não tinha água, não tinha energia, não tinha ônibus, não tinha escola, não tinha um centro comunitário. Hoje pode dizer que nós temos tudo. E a escola sempre foi integrada com a comunidade, sempre foi participativa. Ali nunca teve separação: “Não, essa é a escola, essa é a comunidade”. Nunca teve isso.



Jeferson da Silva Alarcão

É muito suor mesmo

Eu moro aqui na Fercal. Nasci no hospital de Sobradinho em 26 de agosto de 1977. Meu pai trabalhou na Tocantins, na Ciplan, na Igesp, nessas empresas que ficam aqui dentro da Fercal. E a minha mãe é dona de casa, já trabalhou fora também, mas hoje trabalha em casa mesmo e cuida das crianças, principalmente dos netos. Eu lembro, mais ou menos de 6 pra 7 anos, que eu morava aqui na Fercal, só que morava na chácara. Eu caminhava mais ou menos de cinco a seis quilômetros pra ir pro colégio na Rua do Mato. Então a dificuldade da minha mãe era enorme, ela que levava, ela que buscava. Muitas vezes eu até dormia na casa de uma avó que morava na Rua do Mato, pra facilitar. Então com o passar do tempo, de 7 pra 8 anos, o meu pai chegou à conclusão de vender [a chácara] por causa dos estudos da gente, que ficava muito difícil, e foi morar em Sobradinho. Com uns 14 anos eu voltei pra Fercal. Como tinha restado um terreno ainda da família, a gente veio morar aqui no Alto Bela Vista. Foi uma infância muito sadia: soltei muita pipa, joguei muita biloca, brinquei de “infinca”. “Infinca” é um pedaço de arame que você dobra e sai *infincando* no chão. *Infinca, infinca* e você vai um tentando fechar o outro e riscando.



O QUE COMEÇOU COM QUATRO MORADORES VIROU UMA COMUNIDADE.

Em 1990, não tinha água, não tinha luz. Meu pai conseguiu puxar uma rede de luz de mais ou menos 500 a 600 metros, e a gente tinha que tomar banho nesse rio que chama Sucuri hoje. Aí o meu pai conheceu um senhor que diz que lá onde ele morava, que é um morro, tinha água. Aí meu pai ficou pensando: “Mas como é que tem água?”. O senhor falou: “Não, se você abrir uma cisterna aqui, ela vai dar água rasiinha”. Hoje eu guardo em homenagem ao meu pai essa cisterna, hoje ela está com dez metros, tem água potável. Quando chovia não tinha como a gente subir porque não tinha estrada. Eu lembro disso até hoje, meu pai trabalhava no 18, num comércio, ele tinha um carrinho e muitas vezes a gente deixava o carro lá na BR e subia a pé porque não tinha estrada. O que começou com quatro moradores virou uma comunidade. Os lotes eram baratos demais e ninguém queria comprar porque era subida, não tinha valor. O que meu tio [Diomar Gomes], que era o dono do terreno, fazia? Ele doava dois, três lotes, por isso que nós fomos um dos maiores doadores também aqui, e vendia o quarto, era assim que funcionava. Assim saiu a comunidade Alto Bela Vista, que hoje é uma das melhores comunidades de se morar: tem campo de futebol, tem comércio...

Com 12 anos eu já tocava comércio com o meu pai. Meu pai saía pra trabalhar e eu ficava com a minha mãe no comércio. Então quando o meu pai faleceu, eu peguei o bar, montei uma quadra de futebol, a primeira quadra de futebol quem montou na Fercal fui eu, uma quadra de areia. Eu alugava pras outras comunidades, por hora, alugava para as empresas, pro pessoal, e tinha o meu bar do lado. Foi um motivo de renda que hoje eu agradeço demais. Eu cresci trabalhando em comércio, de 12 anos, eu estou com 37 anos. O meu bar era no cerrado, fora de área, e era lotado. Por quê? A pessoa sentava ali, eu já sabia a música que ele queria ouvir. Isso aí foi um dom que eu aprendi.

Hoje eu tenho a minha casa, eu tenho um mercado alugado, eu tenho um bar alugado. Não veio do meu emprego, não, agora não. Quando eu fui pro meu emprego eu já tinha. Comércio, aqui na Fercal, eram poucos que tinham. Era o bar do seu Manuel Baiano, tinha o meu pai ali onde é o Cláudio. Naquele tempo a gente ganhou dinheiro com comércio aqui na Fercal. A gente ia contar o dinheiro, e eu lembro disso até hoje, a minha mãe pegava a sacola de dinheiro de três dias, final de semana, jogava lá na cama e nós separando. Nesse tempo todinho sabe quando eu vim ter assalto no comércio? Agora, setembro de 2013. Eu tive dois assaltos em 20 dias no bar. Foi quando eu aluguei porque eu peguei trauma. Fora o bar, eu sempre quis viver com dinheiro. Toda vida eu tinha que ter dinheiro. Eu já capinei lote pra ganhar dinheiro, eu vendia dim-dim (picolé) lá no Planaltão, que era em Sobradinho, pra ganhar dinheiro.



Final do campeonato
de Futebol Amador da
Fercal. 2010



Trabalhei oito anos na mesma empresa [de mineração], depois passei nesse concurso pra agente comunitário de saúde na Fundação Zerbini. Meu pai era um dos líderes comunitários, logo eu passei pra agente comunitário lá dentro também, meu pai faleceu e eu fui assumindo os cargos que meu pai tinha. Meu pai tinha time de futebol, eu passei a manter o time do meu pai, mantenho até hoje. Fui ser líder comunitário, o pessoal dizia: “Ah, Jefinho, tem que ser você, que você que corre atrás das coisas aqui, é você que ajuda”. O que o líder comunitário fazia antigamente? O líder comunitário tinha de resolver o problema da luz, não era a CEB; você é que tinha que ligar. A água não era Caesb, era o líder comunitário que tinha que correr atrás de água, era poço artesiano que quem controla é o líder comunitário. Então você ligava e desligava, você mandava pra rua que você quisesse, dividia a quantidade. Lá na minha comunidade sempre teve problema de água, que é uma comunidade alta, é pouca água pra muita gente e lugar alto, pra subir dá trabalho. Tudo era eu, tudo resolvia. Fui presidente da associação oito anos, agora fiquei como vice do Pedrinho.

Na área de lazer a gente tem futebol. Hoje nós estamos com 11 equipes na Fercal toda, eu cuido de 11 equipes. Ano passado foram 14. Esse ano a gente só tem 11 por falta de apoio, tem equipes que não têm como se manter. A gente tinha uma doação de um campo, [tem um campeonato] que chamava Campeonato do seu Manuel Baiano, esse campeonato nosso hoje chama Campeonato, mas não é do Baiano. Por que isso? Era o Manuel Baiano, que é um tio meu que doou um campo que fica aqui no centro. O que aconteceu? Ele faleceu, deixou isso de boca. Os filhos falaram que só era enquanto o pai fosse vivo. A gente disputava lá há 23 anos e esse ano não tem. Ele colocou uma placa lá, interdito. São poucas pessoas como o meu pai, como o seu Manuel Baiano, são poucas. Quem tem não quer doar uma área hoje para um campo de futebol, ninguém quer mais. A gente tem um na Boa Vista. O que acontece? Torcedor não vai, jogador que não tem carro não vai, porque é longe.

Eu tenho dois filhos. Uma tem 18 anos, que é a Jéssica e tem o Cauã com 6 anos e é o meu fã, ele fala: “Eu quero ser que nem meu pai”.



Lilia Maria de Moraes Silva

Então, é minha vitória

Nasci em 29 de abril de 1965 aqui em Brasília mesmo, nessa região da Tocantins, que era dos meus avós. Eles foram vendendo, a Votorantim comprou, com esse dinheiro meus avós compraram lá, que é Batalha, na comunidade Córrego do Ouro, a fazenda onde mora toda a família. Minha mãe, Balbina, eu me lembro dela cuidando da gente só. Quando eu morava aqui eu tinha 1 ano, eu andava, aí eu peguei a poliomielite, fiquei sem andar até os 9 anos. Eu me lembro dela me pegando no colo, cuidando de mim. Sempre fui uma menina protegida. Agora, eu tinha 6 anos quando meu pai faleceu, ele era trabalhador rural e minha mãe também. Tenho dez irmãos. Foi ela que foi pai e mãe pra gente.

Brincadeira era sempre com boneca, que eu gostava muito. Era cortar tecido, fazer roupinha de boneca. O meu sonho era ir pro colégio. Quando eu entrei num colégio eu já sabia ler porque a minha irmã mais velha ficava me ensinando. No início eu não dava conta de ir. Os meus irmãos mais velhos é que me levavam. Depois eu fui conseguindo

HOJE EU ME SUPEREI.

andar, aí ia embora, tinha 9 anos. Eu não fiz fisioterapia nem nada. Foi o meu esforço. Por exemplo, eu tentava levantar me apoiando em alguma coisa, e levantava. Lá na casa da minha mãe tem uma mesa até hoje, eu levantava na perna dela. Quando eu botava a mão lá, eu estava em pé. Aí, foi firmando. Foi a minha vontade que me fez andar. Aí depois eu andei até demais, que eu já andei nessas comunidades todas.

Depois fui pra Sobradinho fazer a quinta série, o ensino fundamental. Quando eu estava fazendo magistério, casei com 18 anos. Tive que voltar, parei meus estudos. Eu tive meus filhos, o meu filho mais velho, fiquei nove anos pra ter mais duas filhas. Eu já sou avó, tenho dois netinhos. Durante esse tempo eu passei a trabalhar com a comunidade. Aí eu vi: “Não, tenho que voltar a estudar”. E comecei. Terminei o ensino médio, vinha à noite fazer o ensino médio em Sobradinho. O ônibus chegava lá uma hora da manhã, mas eu terminei. Fiquei trabalhando na comunidade um tempo, depois trabalhei na LBA, na antiga LBA, depois eu fui agente comunitária. Estudei mais, fiz um curso de auxiliar de enfermagem, fiz o concurso, passei em terceiro lugar da Zerbini, aí fiquei trabalhando. Depois fiz a secretaria, passei. Hoje eu sou auxiliar de enfermagem, sou funcionária estatal.

Fui líder comunitária por dezesseis anos, mas até hoje eu sou uma líder nata, não deixo de reivindicar coisas pra minha comunidade. A do Córrego do Ouro é a pioneira em poço artesiano, que na época corri atrás pra reivindicar água potável pra gente, e foi colocado. E a energia também, a primeira comunidade a ser colocada energia foi Córrego do Ouro. Quando eu era presidente, a comunidade participava. Eu os convidava pra ir. Toda a última sexta-feira do mês tinha reunião e estava todo mundo lá. Sempre trabalhei voluntária, nunca peguei dinheiro de Associação pra sair, nada. Eles confiavam em mim, eu falava: “Fui em tal lugar e a gente tem que fazer isso, a gente tem que correr atrás, nós temos que nos unir”. E todos concordavam. Eu sempre colocava isso em reunião: “Vocês têm que fazer sua parte pra gente conseguir”. Mutirão. É imensa a área, mas a água foi feita em mutirão comunitário. E a comida? As próprias pessoas é que faziam comida, e eu falava: “Gente, eu vou precisar de cinco mulheres pra fazer comida aqui pro pessoal que vai trabalhar. Não vai cavar o buraco, mas vai fazer a comida”. “E quem não puder vir?” “Então doa as coisas.” Aí um dava uma galinha, um dava o arroz, um dava o feijão. Ia todo mundo pro centro comunitário fazer a comida pra quem estava trabalhando. E funcionou, porque todo mundo ficou com água.

A Batalha é uma comunidade cultural. É catira, é novena, é folia. É o ano todo assim trabalhando. Setembro tem folia, uns finais de semana o pessoal junta pra dançar catira. Quando não é catira, é roda de viola. Em janeiro tem a Novena São Sebastião. Nove dias



Lilia, presidente de Associação à época, discursando na inauguração da instalação de energia elétrica e água na Comunidade Córrego do Ouro. 1993

cada um da família faz a sua novena, quando chega dia 20 de janeiro é a festa final. As festas geralmente junta todo mundo pra organizar. Minha mãe está com 75 anos, mas tem que fazer a novena. Ela fica lá, ela não faz nada, só organiza, mas tem que fazer o que ela quer. São cinco dias fazendo biscoito, tem que matar porco... E é tudo pra dar no dia, dão o café da manhã, dão o almoço e dão o lanche das três horas. Aí tem a missa, tem a reza. Aquela tradição. Tem um terço e uns cantos. Tem leilão. Por exemplo, um dá uma galinha pro leilão, um faz artesanato, um dá um litro de vinho, outro dá uma garrafa de pinga. Os jovens participam 100%. Eles gostam. Quando dá época de folia, você vê todo mundo a caráter, é bota, calça e chapéu. É mulher, é homem, é criança, é tudo.

A Fercal sempre tem a Folia do Divino, que é de setembro, e reúne mais de três mil pessoas. Lá na minha mãe, são três mil cavaleiros. Ela geralmente gira pra área rural. Aí tem também a “Folia do Padre”, que foi o padre que pediu a folia, em outubro, que sai de lá da área rural e entrega por aqui, Fercal ou Sobradinho II. A folia tinha sido extinta. Aí o sobrinho de Mércia, que era amigo do meu irmão, falou: “Gente, não vamos deixar a folia acabar, não. Vamos fazer a folia”. Lá na Batalha, que é onde minha mãe mora, tem uma capela. Os dois sentados lá em casa: “Vamos fazer uma folia?”. Aí fizeram, juntaram mais ou menos 50 pessoas, só foi aumentando, aumentando, aumentando. Minha mãe prometeu: “Se vocês fizerem, eu dou um pouso”. Aí na época ela arrumava. Até hoje, se falar “é folia”, ela banca sozinha. Ela começou, outras pessoas já falaram: “Não, eu quero na minha casa”. Foram passando pra um, pra outro, foi aumentando. Tem um que canta, aí tem que correr atrás. Porque tem as pessoas que comandam a folia. Eles foram atrás, marcaram o período. Eram dois dias, começava num canto e chegava no outro. Agora são três, quatro dias girando.

Hoje eu me superei. Quando às vezes eu estava em casa desempregada, eu falava: “Meu Deus, eu tenho que conseguir as coisas. Eu vou estudar, eu tenho que arranjar um trabalho”. Então é minha vitória. Eu falei: “Eu não tenho nada que pedir a Deus. Eu só tenho que agradecer”.



Rosaria Braga da Silva

Se o Senhor quiser, eu vou ser costureira!

Nasci em 24 de junho de 1954 em Vazante, Minas Gerais. Meu pai era carinhoso com a gente, nunca deu um tapa em nenhum filho. Agora, a minha mãe é mais forte, porque a vida inteira dela foi luta, foi ela que batalhou para criar os seis filhos, porque meu pai não tava muito aí, não. Eu via ela muito no tear, tecendo e lutando. As pessoas encomendavam, já levavam a linha prontinha, e ela só tecia. Ela também fiava pra fazer roupa pra marido, filhos. Eu mesma tive vestidinho de algodão feito por ela. Eu ajudava a minha mãe a fiar. Eu não tive boneca na minha infância. Eu fazia boneca, eu colocava peitinho nelas, eu fazia o “sutiãzinho”, eu fazia a roupinha. Uma prima da minha mãe falou: “Uai, Maria, a sua filha vai ser costureira, porque ela já faz coisa que eu não sei fazer”, e elas eram costureiras.

Eu tinha 12 anos, a minha mãe andou comigo o dia inteiro, a pé, atrás de uma costureira pra fazer uma roupa pra gente ir a uma festa. E em todo lugar que a gente chegava estava



EU DIGO QUE HOJE EU TENHO UMA VIDA DE RICO.

cheio. Eu lembro que eu olhei pra cima, o céu estava com aquelas nuvens bem miudinhas, eu falei: “Senhor, se o Senhor quiser, eu vou ser costureira pra eu não ver a minha mãe andar mais desse jeito atrás de costureira”. E aí eu comecei. Teve um dia que eu invoquei com ela e falei: “Agora a senhora vai cortar o meu vestido e eu vou fazer”. Ela: “Você quer que eu bote o pano a estragar?”. Eu falei: “Se estragar, estraga no cortar, não no costurar, por isso que a senhora vai cortar”. Na casa do meu pai não tinha uma mesa, não tinha nada pra poder fazer aquilo. Eu peguei uma lata, coloquei de um lado, peguei outra lata, pus do outro, peguei uma tábua, pus em cima, peguei um lençol, forrei, aí dobrei o pano e pus lá, dobrei o vestido e pus em cima, e falei: “Agora a senhora corta”. E foi assim o primeiro vestido que eu fiz. Ele era assim um rosa pink, de um tecido molinho. Pensa numa festa que eu fui com aquele vestido, quantos rapazes quiseram me namorar! Só de uma aposta, eram oito!

Eu tive duas chances de vir estudar, uma em Paracatu, outra em Brasília, mas a família muito rigorosa, muitos irmãos, “porque não pode isso, não pode aquilo”... Então não me deixaram sair pra estudar por pura ignorância, que até que eu era uma menina quietinha. Casei com o primeiro namorado. Namoro de roça, sabe como é. Um de lá, outro de cá e as crianças vigiando na frente. Foi desse jeito que namorei. Como você sabe que gosta de alguém que você nunca tocou nele, que você nunca beijou? Me empurraram pro casamento, por isso que eu separei mais tarde. Eu vivi com meus pais até casar. Quando eu vim pra Brasília, eu já tinha casado. Eu tive três filhos em Unai, a caçula nasceu aqui. Já tinha saído de Vazante, já tava em Unai. A minha família queria vir pra Brasília, e o meu ex-marido não. E eu fiquei: “Eu quero ir pra Brasília, eu quero ir pra Brasília, eu quero ir pra Brasília”. E foi uma confusão danada, até que ele resolveu vir.

Quando chegou aqui, a gente teve briga no meio da rua, e ele dizendo que não queria estar. E brigou, brigou, mas pra ele só fez bem, porque ele capinava roça. Chegou, entrou na Ciplan. Porque quando eu morava lá em Unai, eu costurava, eu tinha três filhos pequenos, e fazia comida pra levar na roça, que ele trabalhava na roça, nove horas eu tinha que estar com o almoço pronto, e duas horas da tarde tinha que ter um bolo, ou um arroz doce, ou uma canjica, alguma coisa de merenda. E cinco horas estar com janta pronta. E ainda costurava pra fora numa máquina de pedal, na maquininha de pé, com três crianças pequenas, fazendo tudo isso. E às vezes eu costurava à noite com aquela lamparina ali. Aquela lamparina foi que iluminou muitas das minhas noites lá em Unai, com as crianças pequenas.

Quando eu vim pra Brasília, me disseram que aqui, se não tivesse corte e costura, não costurava. Eu falei: “Eu faço”. Paguei uma pessoa que costurava, pra ensinar só pra mim.

Rosária com o marido e os filhos na chácara da Ciplan, onde moravam. 1985



Eu já fazia roupa, eu precisava aprender a riscar. Eu já fazia tudo, só precisava aprender a fazer o molde. Com três dias eu aprendi, eu tinha 22 anos e tinha três crianças pequenas. Fiquei acho que um ano e meio, mais ou menos, em Sobradinho. Depois a gente veio pra essa chácara da Ciplan, e meu marido falou: “Mas lá não tem luz”. Eu falei: “Vamos comprar um pedal e colocar na máquina”. E eu mudei pra essa chácara fazendo trinta vestidos no pedal por semana pra uma pessoa que vendia roupa lá na torre. O dia que eu cheguei nessa chácara, eu dobrei o meu joelho no meio da sala e falei: “Senhor, eu quero sair daqui pra minha casa”. Aí comecei a fazer uma poupança. Comprei esse lote, que era pra eu pagar de três vezes. Aí comecei, fiz outra poupança pra comprar as telhas. Não sei por que eu pensei primeiro na telha, sendo que a casa precisa de outras coisas primeiro. Eu queria um teto pra eu morar e comecei a juntar, a comprar material daqui e dali. Foi graças a esse serviço pra mulher que vendia roupa lá na torre que eu consegui tirar dinheiro pra ter a minha casa, porque isso aqui pra mim é meu paraíso, é meu cantinho. Aqui não tinha quase ninguém, era morro, barranco, aí o povo foi acertando e construindo. E estão esbarrancando e construindo até hoje.

Eu vivi o quanto pude com meu marido, fiquei casada 23 anos com ele. Família pra mim é uma coisa sagrada, mas chegou a um ponto que eu não dei conta, não. A única coisa que eu tinha medo era de que os homens não me respeitassem porque eu era uma mulher separada. Depois que eu separei foi que eu vi que quem me fazia ser respeitada era eu, e não o homem que estava do meu lado. Eu cheguei no banheiro, olhei assim bem dentro dos meus olhos lá mesmo e conversei como se eu estivesse conversando com outra pessoa. Primeira coisa que eu falei: “Você não precisa de psicólogo, nem de psiquiatra, que você não tá doida coisa nenhuma. Você precisa separar do seu marido, que é quem está te fazendo mal”.

Eu digo que hoje eu tenho uma vida de rico, que eu fui criada de pés no chão, não tinha calçado pra calçar, não tinha roupa pra vestir, não tinha nada. Tinha dia que na casa do meu pai não tinha nem sal pra comer. Eu tive que viver e sofrer pra aprender. E, assim, não fiquei triste com isso. Eu acho que hoje eu vivo uma vida de princesa, eu tenho água dentro de casa, eu tenho televisão, eu tenho telefone, eu tenho uma caminha quentinha pra dormir.



Valdemar Neves da Silva

O mundo é pra todo mundo

Eu nasci em 8 de outubro de 1944, em Ipameri, Goiás. Meu pai era João Julião da Silva e minha mãe era Eugídia Monteiro da Silva. Éramos nove irmãos. Minha mãe faleceu primeiro. Ela adulava muito a gente e eu fiquei sem vir outro cinco anos, fui mais bem tratado. Meu pai morreu e eu fiquei com 10 anos de idade e ele ainda me punha no colo, mas trabalhar, tinha que trabalhar.

Quando nós chegamos pra cá, eu lembro ainda, tinha 3 anos de idade. Não tinha nem um rancho pra ficar dentro, ficamos debaixo dos paus. Viemos lá da fazenda, hoje Bonsucesso, que é de Pedro Passos. Aquilo lá era nosso, aí meu pai vendeu e comprou isso aqui. Isso aqui era um interior, os vizinhos corriam da gente, custaram a acostumar, diziam que eram os mineiros. Aqui até onça ainda tinha. Meu pai falou: “Meus filhos, eu não vou conhecer não, mas vai vir uma capital pra cá, vocês não vendem isso aqui não, isso aqui vai valer muito”. Ele não conheceu porque ele morreu com 53 anos, e logo veio a capital.

O QUE EU PASSEI E O QUE EU ESTOU HOJE MOSTRA QUE O MUNDO É PRA TODO MUNDO.

Quando eles morreram, foi uma tristeza a vida da gente. Cada irmão mais velho pegou um mais novo pra criar. Eu peguei a pior [esposa], ela casou com meu irmão mais velho, que era meu padrinho. Rapaz, ela me judiava demais. Aí eu só pensava e falava: “Um dia eu venço na vida, eu vou vencer na vida”. Eu saí com 16 anos. A fazenda foi repartida pros irmãos. Eu falei: “Eu dou conta da minha vida agora” e vim, entrei debaixo de um ranchinho amarrado de palha aqui. Fiquei morando sozinho de 16 a 24 anos. E aí eles venderam para um homem rico, só que me prejudicou demais porque ele queria tomar aqui [também]. Eu fui preso porque ele fechou umas estradas e eu mandei meus cunhadados pegar o carro de boi, passar e desmanchar, que ele queria fechar o nosso trânsito. E eu enfrentei. Aí quando ele perdeu no Supremo Tribunal, vendeu a fazenda baratinho e foi embora. Se eu tivesse saído não tinha ninguém aqui, porque ele tirava mesmo.

Quando eu vim pra cá estava difícil demais, aí eu consegui levantar um financiamento. E disso eu fui adquirindo. Quando eu vim, tinha até conta de mentiroso, tinha sete cabeças de gado, mas vendi acho que três pra começar, fazer um ranchinho melhor. Minha esposa é de Formosa, encontramos e gostamos um do outro, antes de casar eu falei: “Vamos lá pra você ver se quer essa vida, porque vai ser essa”. Aí concordou, eu fiz um barraquinho de tábuas, passamos para ali. E ela é trabalhadeira demais, me ajudou demais, que até hoje ela não gosta de cidade, igual eu. Muitas vezes eu falava: “Ó, você vai ficar aí como caseira e eu vou partir no mundo, comprar gado e vender”. Logo eu vi que sozinho não dava para ficar, arrumei uma pessoa, ele plantava e nós repartíamos. E eu pagava um salário também. Teve uma época que eu fiquei fora até 15 dias.

Meu irmão comprou o jipe e arrumou um motorista, que eu não dirigia naquela época, e esse motorista me pediu pra pôr um comércio nesse local [um bar]. Passou uns seis meses, ele queria vender a área, e eu tive que pagar pra ele e vim pra cá. Foi onde eu melhorei, pus esse comérciuzinho, tem não sei quantos anos e ele não acaba até hoje. Eu vendia de tudo, mas de tudo um pouco. Se vendesse muito ficava sem nada, né? Aí foi crescendo, os caras chegavam com galinha daqui do interior, eu comprava, trocava mercadoria, fui fazendo aqueles negócios. E aí eu entreguei a Maria. “Ah, eu não sei mexer com isso”. Eu falei: “Vai aprender, ninguém nasceu sabendo. Você vai tomar conta e eu vou correr atrás de outras coisas”. Toda vida, até hoje, eu já pensei de acabar, mas não acabo porque não tem outro comércio, eu é que seguro tudo. Eu vendo gás, eu vendo milho, sal, arroz, feijão, eu vendo café. Quer dizer, já pensou um vizinho acabar um café, vai ter que ir lá na Fercal buscar? Eu penso nisso tudo. Quantas vezes chega pra buscar



Batizado: Sr. Valdemar com a esposa batizando Wedson de Brito, que hoje é caixeiro da folia. 1970

um botijão de gás porque o gás dele acabou? Eu tenho não é porque viso o lucro, não. Mas eu já ganhei dinheiro aí.

Muitos anos atrás tinha folia, mas acabou. Aí chamei o Erandir, que o pai dele que me ensinou a mexer com folia, ele tinha falecido. Chamei pra nós levantarmos a folia. Ele concordou, mas infelizmente mataram ele muito novo; eu continuei. Passei a folia à Associação, que ajudou um pouco, e aí cansei de mexer e passei pra Alarcão. Reuni as pessoas que trabalham na folia, o caixeiro, o alferes, que é o da bandeira, os guias. Os outros são foliões. Tem os violeiros, os que fazem as cantorias, as orações. E à noite, só a catira. Não é uma festa normal: ela tem respeito, é religiosa. Não é obrigado a falar: “Eu sou folião”. Folião é divisado, tem que obedecer as regras da folia. O lenço se usa no pescoço, a divisa prega na camisa, se o folião não tiver isso ele não é um folião. Eu já fiz folia aqui com mil, faço mil lenços desses e mil divisas dessas, e não dá. Passa aqui, já chegou com 400 cavaleiros, quatrocentas pessoas montadas. Aqui em casa eu dou lanche pras 400 e mais convidados, todo ano.

Ultimamente eles gostam que eu seja procurador, o que recebe a prenda, a “esmola”, que a gente fala. O povo vai pegando, você vai rezando... Quando chega no fim, presta conta de quanto arrecadou. É muito bonito. É uma das coisas que se conta mais importante é o procurador. Porque ele é o responsável pelo dinheiro que o pessoal dá na festa, põe no altar, que tem aquele altar bonito, que põe a bandeira e os instrumentos. E aí, muita gente chega e já sabe, ajoelha, beija, põe aquele dinheiro ali. Só tem uma pessoa pra ir lá e guardar. Esse dinheiro, ou ele é gasto na folia de novo ou vai pra igreja. Assim que é. Cada ano aumenta mais um pouco, aumenta o número de gente.

A amizade que eu tenho, graças a Deus, é meu orgulho de vida. E o que eu passei e o que eu estou hoje mostra que o mundo é pra todo mundo. Agora, quem desiste cedo, é porque não quer fazer nada.



Sebastião Romeu da Silva

De agora em diante você vai ser o Belmiro Maluco

Nasci em 28 de dezembro de 1934, natural do Rio de Janeiro. A lembrança que eu tenho de meu pai é que era um cidadão muito bom, foi um bom pai pra nós, por isso que eu estou com essa idade hoje e seguindo tudo o que ele fazia no Rio de Janeiro. Ele também era um lutador em um bairro no Realengo que chamava Vila Vintém, hoje Padre Miguel. Eu queria ser marinheiro, a minha avó não queria. Ela dizia que meu pai era bombeiro, a minha família quase tudo era bombeiro e ela não queria, porque ser bombeiro era perigoso, ela tinha medo. “Então vou pra Marinha.” “Não, pra Marinha tu não vai, não, que tu vai viajar e vai ficar fora de casa.” Daí que eu fui para o Exército. Quando eu saí do Exército, me inscrevi no Corpo de Bombeiros, fui chamado e fui pra lá. E tem um detalhe muito interessante. Pedi a meu pai para assinar a carta para eu ser bombeiro. Ele disse: “Eu não vou assinar, não.” “Por que, papai?” “Porque você é muito boêmio e lá tem que ser sério, você tem que estar lá na hora e tu vai ficar preso nesse troço todo dia, eu



EU PENSEI ENCONTRAR UMA CIDADE IGUAL AO RIO DE JANEIRO... ENCONTREI FOI MATO.

não vou assinar nada que eu não vou passar vergonha”, que ele era capitão do corpo de bombeiro reformado. Eu: “Tá legal, não tem problema, não”. Fui passando no beco, tinha o meu tio que era dono da oficina: “Ô rapaz, o que tu tá fazendo aí?” “Eu vim pra pedir a papai assinar para ser bombeiro e ele não quer assinar.” “Me dá esse troço aqui!”, e assinou. Fiz as provas, passei. Quando cheguei em casa com a farda de bombeiro, meu pai me disse: “Eu vou te prender! Tu saiu do Exército, está vestindo a farda do teu irmão!”, que meu irmão também era cabo do bombeiro. E eu tirei os 30 anos de bombeiro.

A história mais engraçada que me lembro dos bombeiros foi de um maluco aí, que eu sou Belmiro até hoje por causa dele. Teve um chamado, aí fomos para um bairro e chegou lá o camarada estava em cima do telhado, querendo se suicidar. Primeiro ele queria cortar a mãe dele com a gilete, aí correram atrás dele, ele subiu para o telhado e ficou lá. E nós fomos pra tirar ele. Chegou lá, estava polícia, todo mundo cercando a casa. Aí colocava a escada e ele empurrava. Eu disse para o tenente: “Vou subir lá, pode deixar”. Eu estava já pensando no que ia fazer. Peguei a escada, subi. Quando cheguei perto, eu disse a ele: “Não empurra não, eu sou teu amigo. Você está vendo que eu não sou polícia, não tenho arma, não tenho nada”. Depois de muito tempo deixou passar pra perto dele, pro telhado. Eu falei assim: “Você quer descer daí?”. “Não, eles vão me matar lá embaixo, vão me prender, vão me matar.” Eu disse: “Ninguém vai te matar. Tu vai fazer o seguinte, eu vou tirar a minha farda e vou vestir em você, tá legal? E você vai me dar a tua bermuda para vestir”. E assim eu fiz. Aí eu disse: “Faz o seguinte: quando você for descer a escada, diz: ‘Ó, segura a escada que o Romeu vai descer’”. Ele disse: “Mas eu não sou Romeu, não, eu sou Belmiro”. Eu disse: “Não, rapaz, você é Romeu, desce, rapaz”. Aí ele desceu. Aí tinha um cabo que era muito gozador, gostava de botar apelido nos outros: “De agora em diante você vai ser o Belmiro Maluco”. Quando chegou no quartel, o comandante: “Conta a sua história pra mim”. Aí eu contei. Ele disse: “Então de hoje em diante”, arrancou a tarja do meu peito, “agora eu vou botar é Belmiro aqui”. E até hoje, qualquer um que chegar dentro do Corpo de Bombeiros e perguntar pelo Sebastião Romeu da Silva, ninguém vai conhecer, só conhece por Belmiro.

Eu saí do Rio de Janeiro pra vir pra Brasília, que o Corpo de Bombeiros daqui é federal. Nós fomos transferidos pra cá, em 60, na inauguração da Capital. Mas eu só vim pra cá em 64, passei quatro anos indo e voltando. Quando os quartéis começaram, aí viemos todo mundo embora pra cá. Morei em Sobradinho, na Quadra 14. Eu pensei encontrar uma cidade igual ao Rio de Janeiro... encontrei foi mato. E até 68, 70, não tinha nem o

Lançamento do Programa AlumiAr 2 - Mais Energia para o Campo: Sebastião Romeu - Belmiro com o Cristovam Buarque, à época governador do DF, acompanhado do diretor e o presidente da CEB, no Centro Comunitário da Boa Vista. 1993



Eixão. O Lago Sul, Lago Norte, era tudo mato, não tinha nada lá. O que tinha era somente o Palácio da Alvorada, o Congresso Nacional e alguns ministérios. Fiquei surpreso, porque aqui não tinha nada mesmo. Lá no Rio tinha lugar pra gente dançar, aqui só boteco pé-sujo. Tinha uma escola de samba, a Unidos de Sobradinho. Aí eu digo: “Quer saber de uma coisa?”, reunimos lá os bombeiros, “Vamos fazer uma escola de samba aqui?”. “Vamos.” “Vamos escolher o nome.” Nome daqui, nome dali, eu disse: “Vou botar Bola Preta”. E está aí até hoje. Ainda existe em Sobradinho, cresceu e muito. Esse ano mesmo ela foi vice-campeã em Brasília.

Já tinha ouvido falar da Fercal mas só no capim-gordura que existia aqui. E a Pedreira Contagem. Aí depois foi feita a fábrica de cimento Tocantins. Cheguei na Boa Vista em 83. Aqui só tinha cinco famílias, tradicionais daqui. Tanto que eu entrei aqui como estrangeiro. Quando dona Maria Alice me chamou pra fundar a associação, eu disse: “Dona Maria Alice, mas eu não sou daqui”. “O senhor não é daqui, não, o senhor mora aí, o senhor é daí. O único que tem aqui pra ser presidente e fundar a associação é o senhor.” Foi como a gente começou, fizemos uma reunião, fizemos um estatuto e fundamos. E aí, como é que vai ficar isso aqui? Porque aqui era uma fazenda, Fazenda Boa Vista. Eu digo: “Bom, vamos fazer o seguinte, vamos botar um nome nela, ‘Comunidade Boa Vista’”, está nos estatutos de todo lugar.

E eu cheguei aqui por acaso... Aí eu me aposentei e vim pra cá. Pra fazer o que hoje estão vendendo aí foi muita luta. Eu não parava em casa. Estava lá no Palácio da Alvorada, estava no Buriti, estava andando atrás de benefícios para aqui... Juntou o pessoal mais antigo, me elegeram por aclamação presidente da associação. A primeira eleição foi por aclamação, a segunda e a terceira por voto.

E estou até hoje, porque qualquer coisa que precisa da comunidade, sou eu que tenho que resolver. Até eu estar bem de saúde e poder. Eu nasci numa chácara. Então eu voltei para uma chácara. Tanto que quando eu estava no Corpo de Bombeiros e o pessoal perguntava: “Quando você reformar, Belmiro, você vai voltar para o Rio de Janeiro?”, eu dizia: “Não, eu vou comprar uma chácara e vou criar galinha”. É o que eu estou fazendo hoje.



Itamar Gomes Vitor

Eu fiz parte dessa história

Nasci em 27 de janeiro de 1964 em Sobradinho mesmo, Distrito Federal. Meu pai é Saturnino Gomes Vitor e minha mãe Vitalina Maria Vitor. O meu pai foi sempre um homem muito lutador, batalhador, trabalhou aqui nessas fábricas no tempo que eu era criança, eu me lembro. Ele sofreu um acidente na Ciplan certa época, ficou impossibilitado de trabalhar, ele se viu obrigado a vender o barracinho que nós tínhamos e então nós fomos morar na área rural, de onde ele tinha vindo. Eu tinha por volta de 16 anos de idade. Nós éramos em oito irmãos. Nós fomos morar no município de São Francisco de Goiás, a 64 quilômetros de Anápolis. De lá nós fomos morar na região de Formosa, no Vale do Paranã, num assentamento. Minha mãe sempre trabalhou em casa, ela nunca trabalhou fora e é uma mulher batalhadora também. Tenho orgulho de ser filho de um paraibano e de uma baiana porreta mesmo.

Se não foge a memória, com 12 anos eu comecei a trabalhar, engraxar sapato pros outros, ganhar um dinheirinho. Já vendi jornal. Já fiz “N” coisas, e daí pra cá não parei, sempre trabalhando, sempre lutando. Quando eu vendia jornal, acho que vendia mais



OS JOVENS, A MAIORIA SAIU DO ASSENTAMENTO. HOJE ESTÃO VOLTANDO QUASE TODOS.

porque eu lia. Aí quando eu ia vender eu falava as notícias todinhas: “Está acontecendo isso, isso e isso”. Aí a pessoa perguntava. “Eu estou vendo aqui nos classificados tem isso, tem isso, tem isso”. A pessoa se interessava e comprava o jornal. Frequentei a escola até a sétima série. Eu lembro que quando era criança eu via o meu avô plantando mandioca, aí eu plantei uma mandioquinha lá no quintal. Ela nasceu e eu ficava olhando aquilo e perguntava a meu pai direto: “Quando é que vai dar a raiz? Quando é que vai aparecer mandioca?”. Meu pai: “Calma, meu filho, calma”. Aí quando ela estava grande já, mas novinha ainda: “Ó, já tá grande, pai, já tem raiz”. Ele: “Tem não, calma, meu filho, você está muito apressado”.

Eu fiquei na roça dos 16 aos 18 anos. É um trabalho tão pesado, mas é prazeroso. Você está plantando, você vai ter que capinar, você vai ter que cuidar, você vai ter que colher, mas você sabe que no fim de tudo aquilo ali você vai ter sua recompensa. Você vai pegar o milho sem agrotóxico, sem químico, você vai quebrar ele, vai assar, vai cozinhar, fazer sua pamonha, seu bolo, vai comer aquilo ali natural. O prazer de você comer aquilo que você mesmo produziu é bom demais, gente! O arrozinho, a gente fazia lá o arroz torrado... pega ele maduro, quase seco, mas ainda tem um leitezinho, você tira aquilo ali no cacho e torra com casca e tudo e depois soca, é um dos melhores arrozes que tem no mundo. Quero ver quem da cidade já comeu um arroz desses, muito bom! Depois nós mudamos para a região de Formosa, no Vale do Paranã. O carro-chefe nosso era o arroz, eu me especializei em plantar arroz.

Conheci minha esposa lá no Paranã. Casamos, eu tinha 24 anos, tivemos três filhos. Depois que a minha filha nasceu eu fui morar em Tabatinga, região de Planaltina, DF. Fui trabalhar como vaqueiro e tratorista também. Aí eu fui pra Nova Betânia, trabalhar como chacareiro. Lá foi onde surgiu a oportunidade de realizar um grande sonho, ter meu pedacinho de chão. Dispensei o meu trabalho, que eu não ganhava ruim na época e a gente foi pro acampamento dos trabalhadores rurais sem terra, nós ocupamos uma área só pra chamar a atenção do governo e ficamos um ano e cinco meses acampados. Nós ficamos à margem da BR-020, no caminho que vai pra Formosa. E de lá nós viemos pra cá, pra Contagem, para essa região. Depois que a gente conseguiu a terra minha esposa falou: “Chega, não quero isso”. Na época eu tinha um gadinho, eu vendi e comprei uma casinha pra ela aqui, ela mora aí até hoje, está bem, está feliz, meus filhos vieram com ela.

Nós chegamos aqui em 92. Nós estávamos no acampamento e tinha um grupo de pessoas aqui, o finado Ademar, eles já estavam nessa área. Ele nos procurou, que nós es-

távamos na liderança: “Olha, nós temos uma área assim, assim e assado”. Nós viemos, olhamos, gostamos. Eu, quando vi a vegetação, falei: “Meu pai do céu, é tudo o que eu sonhei!”. Nós fomos ao Incra, mostramos a terra, o Incra veio, fez vistoria, nós viemos com eles. O Itamar Franco assinou o decreto, desapropriou e nos colocou. Quando nós chegamos tinha rede de energia porque era uma fazenda que tinha extração de areia. Aí depois que dividiram as glebas foi rapidinho também, chegou a energia. Água encaçada nós conseguimos depois de muita luta com a Caesb. Nós fizemos uma barragem no Córrego Mentira, canalizamos, a Caesb fez o reservatório aí distribuiu água pra todo o assentamento. A barragem foi feita pela comunidade porque é de difícil acesso; não chega carro. A maioria do material foi trazida em lombo de animal. E pra descer, é meio acidentado, a gente descia com todo o sacrifício. A comunidade fez a barragem, cavou as valas, colocou a tubulação todinha até chegar no reservatório.

No início teve uma dificuldade muito grande até a gente descobrir qual a aptidão da região, porque muitos vinham de criação de gado. Descobrimos que o que a gente devia inicialmente plantar, que era mais fácil e dava mais renda, era mandioca. Hoje o carro-chefe do assentamento é mandioca. Mas nós estamos também mudando, tem uns que estão mexendo com gado, outros que estão mexendo com fruticultura, ponkan, banana, maracujá, limão. E já está começando também uma piscicultura e apicultura. A maioria da produção é vendida na feira de Sobradinho. Eu estou tentando incentivar no assentamento uma produção orgânica, uma produção de agrofloresta que a pessoa não desmate, a pessoa preserve. Lá na nossa região nós temos ipê, angico, jatobá, que uma pessoa não dá conta de abraçar. Aí eu vou pegar e vou derrubar uma árvore dessas, centenária?

Eu considero o assentamento uma grande família. E como uma família não vou dizer pra vocês que não tem desavenças, que tem. Pra nós não faz diferença dizer “assentamento”. Nós fomos chamados até de Sem Terra: “Você vai lá pro Sem Terra?”. Eu falo: “Gente, nós temos terra até demais”. Os jovens, a maioria saiu do assentamento. Hoje estão voltando quase todos. Nós fomos trazendo alguns incentivos, lutando pra ver se voltavam. Hoje eles falam que o que estão ganhando lá dentro, não estavam ganhando aqui fora. Eles trabalham praticamente de segunda a segunda, porque de sexta-feira tem feira, sábado tem feira, domingo tem feira e no correr da semana é trabalhando pra poder produzir. Tem um tempinho de jogar bola, tem um tempinho de farra. Agora pergunta pra eles: “Vocês aí são infelizes?”. “Não.” “Vocês querem trabalhar na cidade?” “Não.”

Eu não canso de contar essa trajetória e que a gente faz no correr da vida. É prazeroso mostrar pras pessoas que através da luta, que através de toda essa batalha que nós tivemos, ela é compensativa, ela traz um prazer no futuro. Pode ser muito ruim hoje arder ou sofrer, mas amanhã quando a gente olha pra trás a gente fala assim: “Gente, aquele dia eu tava pensando que tava sofrendo, não foi sofrimento, não! Foi bom demais, foi experiência”. O pessoal da Fercal é um pessoal unido, luta mesmo pelos interesses. Participa mesmo, sabendo: “Eu fiz parte dessa história”.



Aroldo Oliveira Rocha

Tem umas mudanças que você simplesmente deixa acontecer

Nasci no dia 21 de março de 1958, em Itambé, Bahia. Na cidade onde a gente morava tinha um rio muito grande perto, o Rio Pardo, e a nossa vida era essa, colégio e o rio, e o trabalho também diário, ajudar em casa. Meu pai falava: “Ninguém vai pro rio”, só que quando ele ia trabalhar, a gente fugia e ia para o rio. Tinha praias de água doce, muito bonitas, aquela areia bacana. Um dia eu, molecão, desobediente aos pais, paguei caro, porque eu fiquei banhando e esqueci do horário de voltar pra casa. Quando lembrei, eu tinha que subir correndo, dava meio quilômetro, uma ladeira bem forte. Quando eu ia, estava saindo uma caminhonete. Falei: “Eu vou pegar uma carona nessa caminhonete”. Na traseira da caminhonete pra levar pra cidade, tinha uns três tamborzões de ferro, de 200 litros. O motorista descuidou, quando ele ligou a caminhonete, eu pulei na tampa traseira e vim agachadinho... menino é traquina mesmo, né? O motorista subiu a ladeira, quando chegou no meio da subida, a caminhonete pediu marcha e ele botou uma marcha forte; quando ele arrancou pra frente, os tambores vieram pra trás e pegaram



O QUE É BOM VOCÊ TEM QUE LEVAR PARA OS OUTROS.

minhas mãos. Eu quebrei os dedos tudo, machucou tudo e eu caí no meio da poeira. Quando acordei, eu já estava em casa, alguém me pegou lá, porque eu desmaiei, aí levaram pra casa. Quando eu cheguei em casa, a coisa foi feia. Porque, primeiro, eu desobedecei, me machuquei, me ralei todo. Antes de eu ir para o médico, ainda levei uma pisa, uma surra! Porque não tinha dessa, apanhava mesmo. Isso ficou na minha história, uma lembrança que eu nunca esqueço, de desobedecer ao meu pai.

Quando nós fomos ficando mais adolescentes, meu pai vendeu a fazenda, vendeu o gado, vendeu tudo e comprou casas na cidade [para viver de aluguel]. Comprou umas três ou quatro boas e comprou uma para nós morarmos. Os aluguéis naquela época eram mixaria, terminou ele indo trabalhar para os outros em fazenda mesmo, quem era patrão passou a ser empregado agora. Mas o meu pai adquiriu uma doença lá no campo nos anos 70 e foi da Bahia pra Brasília, foi a razão de nós virmos, porque ele veio doente e a irmã dele não deixou ele voltar mais.

Meu pai mandou buscar a família, que ele achou trabalho na Cimento Tocantins, foi o início da fábrica nos anos 70. Então nós viemos da Bahia direto para morar no acampamento da Tocantins. Eu estava com 11 anos, estudava, tinha o colégio dentro da fábrica, tinha tudo. Pra nós que eramos criança parecia um sonho, nós não estávamos entendendo nada. Tem umas mudanças que você simplesmente deixa acontecer, mas você não entende. Para nós tudo era moderno, era diferente, os amigos, todas essas coisas eram muito novas. Aqui era só mato, deserto e pedra e mais nada. Pra mim foi outro mundo, estranhamos muita coisa. Depois, meu pai saiu da empresa Tocantins e foi trabalhar na Pedreiras Planalto, já era outro acampamento.

Foi na Planalto o meu primeiro trabalho, nessa época não tinha fiscalização pra criança não trabalhar. E cada funcionário ganhava pelas caçambas de pedra que enchia. Aquele caminhão vinha, pegava a caçamba e dava um vale pra ele, esse vale é que dava o direito do salário no final do mês. Nisso trabalhavam os homens e meninos de 12, de 10 anos pra frente. E nós quebrávamos as pedras, enchíamos caçamba, recebíamos o nosso vale e no fim do mês tínhamos o nosso salário, vinha num envelopinho igual ao envelope dos adultos.

Depois passamos a ter gosto pelo trabalho, porque o gostoso era trabalhar, receber o dinheiro como criança e ajudar em casa. Com meu dinheiro, eu comprava as minhas roupas, meu sapato, que na época tinha muito aquela moda do sapato alto, calça boca de sino, o emblema do cavalo de aço na perna, vixe, isso aí era uma vaidade! E eu comecei a trabalhar nas fábricas. Trabalhei na Cimento Tocantins, na Cimento Ciplan, na Engesp,



Aroldo na Igreja

então nunca parei de trabalhar, fiz curso de Mecânica Industrial. Só que atualmente eu não estou atuando nessa área, hoje eu trabalho na administração pública, na Secretaria de Obras de Brasília, desde o ano de 94. Eu saí da Planalto já com uns 19 anos, porque esse acampamento também foi extinguido, eles venderam pra Engesp, nós viemos trabalhar na Engesp, só que já compramos uma terra em que moramos ainda hoje, no Engenho Velho, Bananal, desde 82. O Bananal até hoje é bom, é muito gostoso de morar, porque tem rio, tem córrego e é aquele clima muito de interior.

Quando eu mudei pro Bananal, nós passávamos por dentro d'água, botávamos umas pedras e pisávamos de pedra em pedra, e quando o rio enchia, ficava um pessoal de um lado e outro do outro, ninguém passava. Pegava a água no córrego, carregando lata nas costas. Depois nós começamos a comprar bomba à gasolina pra jogar água, botava a bomba motor no rio e encanava a água pra casa, aí as coisas já foram melhorando. Nos anos 85 para os 90, nós conseguimos uns fios de energia, uma rede com o Mundo das Tintas, com o Seu Vicente. Era só o bico de luz, não dava conta de tocar bomba e nem certos aparelhos. Hoje uma boa parte do Bananal é asfaltado, nós temos linha de ônibus que passa na porta da minha casa, tem água potável na torneira. E essas conquistas foram todas por intermédio de reuniões da associação. Sempre gostei de estar nas reuniões, de participar, até de opinar.

Trabalhei a vida toda, eu nunca enriquei e não vou enriquecer mais, então não adianta você pensar só em ter as coisas. Eu não tenho esse conhecimento total, mas o que é bom você tem que levar para os outros e eu tenho um sonho de evangelizar. Eu sou um pastor itinerante, não o que dirige igreja, porque eu ainda estou na atividade de trabalho de governo. Sou um pastor supervisor do campo da nossa igreja, um representante do nosso pastor presidente. São muitas coisas que temos a reivindicar e registrar, mas o que eu quero deixar registrado é que ser entrevistado hoje foi uma das coisas que me marcaram na vida. Foi uma coisa muito importante para a nossa localidade, para minha vida, porque vai ficar na história. Eu sei que meus netos, um dia, vão me ouvir falando um pouco da minha história, que eu nunca falei para nenhum deles o que eu estou falando aqui.



Vanderli Barbosa de Alarcão

O meu dom é de não cansar

Nasci em 24 de abril de 1959 em Planaltina de Goiás. Meu pai era Manuel da Silva, trabalhava no DER. Minha mãe, Maria Barbosa da Silva, trabalhava na Secretaria de Educação. Nós éramos cinco irmãos, foi muito difícil nossa criação. Não tive infância, não podia brincar, nunca a gente podia ter um amigo porque nossos pais não deixavam. Eles achavam que a gente só tinha era de trabalhar lá dentro de casa. Eu fui pra escola com 7 anos, tinha uma dificuldade de aprender e nunca eles descobriram por quê. Depois dos 17 anos, eu fui desenvolvendo um pouquinho a leitura, fui aprendendo um pouco a ler, a escrever.

Conheci meu esposo na rua onde eu morava, na minha juventude. Comecei a namorar escondido de meus pais porque eles não deixavam, namoro de olhar, né? Meus pais não iam deixar mesmo eu namorar, aí ele me pegou. Me tirou da casa dos meus pais, meus pais me procuraram muito mas não conseguiram me achar, fiquei escondida, saí com



TÃO PEQUENA ERA A FERCAL QUE NÃO TINHA NADA.

as minhas roupinhas e vim morar com a minha cunhada. Naquele tempo a moça não podia sair de casa porque a Justiça mandava atrás daquele namorado. Aí meu esposo procurou meus pais, ele era mais velho do que eu, e disse que ia casar. Ia pôr os papéis no cartório e meu pai aceitou e casamos. Comecei aquele casamento sempre sendo só uma dona de casa, passei um tempo só cuidando da casa e dele. Depois vieram meus filhos, eu os tive nova, estava ainda na juventude. Depois eu fui trabalhar.

Eu saí de Sobradinho pra Fercal com 17 anos, meu esposo já tinha as terras aqui. Quando eu cheguei, me lembro que aqui não tinha ônibus, eu andava um quilômetro a pé. Isso era pra pegar um amigo que passasse, que tivesse um carro. Não tinha ônibus, não tinha água, não tinha luz! Prova que tenho é meu braço, que foi queimado de uma lamparina que eu fiz. Eu peguei querosene, pus numa lata de leite Ninho, fiz um pavio e pus o querosene dentro. Pus fogo nela e pus em cima da paredinha da casa. Quando eu fui pegá-la, porque tinha apagado, esse querosene quente derramou no meu braço. Isso era a luz que nós tínhamos, pra clarear era isso. Fui morar num ranchinho de palha porque eu não tinha casa, meu esposo não tinha casa. Ele fez aquele ranchinho de pau e de palha de bambu, de coqueiro. Quando a gente não tinha água nós usávamos o córrego. Nós furávamos cisterna. Tinha cisterna de 16, 17 metros, puxava com a corda o balde da água lá no fundo do poço. Era pra beber, era pra tomar banho. Tudo tinha de fazer com essa água.

Quando começou a chegar a luz na comunidade, foi através de formar aquela associação, o começo foi a LBA (Legião Brasileira de Assistência Social). Ela começou a vir nas chácaras, na Fercal, e ver que ali as mulheres podiam desenvolver algumas atividades, que as mulheres não tinham nada. Sabiam costurar... Então aí foi onde começou a Fercal desenvolver, criou essa associação, o que foi muito bom. Eu participei muito pouco porque eu trabalhava, mas sempre nos eventos eu gostava de ir, eu gostava de ficar ali ajudando. A gente fazia esse movimento pra conseguir a melhora disso aqui. Não foi iniciativa do governo, não. Foi iniciativa do povo que formou aquele grupo: formou uma associação-zinha, a Tereza foi uma das que criou, meu segundo esposo também foi muito tempo presidente. E eles batalhavam lá nos governadores, não era nem administração porque nós não tínhamos, era nos governadores, eles corriam atrás. O telefone foi uma riqueza pra nós chegar esse telefone, porque eu mesma nunca pensei de ter telefone!

Eu vivi 15 anos com meu primeiro marido; ele faleceu. E aí eu já trabalhava na escola [Centro de Ensino do Primeiro Grau da Fercal], trabalhei na escola trinta anos. Eu comecei outra vida difícil, porque fiquei viúva e fui criar dois filhos naquele emprego. Eu fui mãe e fui pai, nesse tempo. Tinha dois anos que eu tinha ficado viúva e eu casei de novo, foi através do meu marido que eu passei a trabalhar com a comunidade. Eu vi que aquela comunidade estava carente, precisando de alguém que tomasse a frente de alguma coisa. Hoje minha função, meu objetivo, são as benfeitorias pra comunidade, ainda tem muito o que fazer, porque ainda não está com todos os requisitos, falta muita coisa.

Hoje quem representa a Associação sou eu. Tenho todo apoio da comunidade, não tenho nada que reclamar. O que eu aprendi indo nas reuniões é cobrar as benfeitorias. E insistir também. Porque você cobra uma vez, eles esquecem. Aí eu prestava atenção, que aquilo ali era insistência do presidente, chegar ali uma água, chegar ali a luz, foi insistência deles. Eles não se cansaram, então hoje esse é o meu dom, de não cansar, de exigir e pedir ao governo. Quero dizer pra eles que é prioridade, que nós temos que ter o mínimo, água e luz. E escola. O ensinamento maior que meu esposo sempre falava pra mim é que quando a gente participava de uma reunião a gente esperava assim um momentinho, chamava eles, dava um café na nossa associação. “Reúne o povo do governo, dê um café.” E ali você vai fazer a sua cobrança e sempre usando um ofício.

Ainda temos a dificuldade da água, porque a minha área ainda tem muitas famílias indo pro córrego, porque não temos água da Caesb. Estamos na base de um poço artesiano pra 300 famílias, indo pra umas 400 famílias, pra receber aquela água um dia sim e um dia não. Mas quando penso no passado, hoje eu vejo que teve tantas melhorias, não está longe da água da Caesb chegar.

Porque tão pequena era a Fercal que não tinha nada, não tinha um ônibus, não tinha escola. A única escolinha que tinha era dentro da fábrica de cimento Tocantins, que os alunos iam a pé lá pra dentro estudar. Hoje nós temos escolas boas, eu queria que as crianças usassem aquela quadra, a comunidade usufrísse também. Usasse o colégio para uma reunião, para um lazer, porque a gente não tem lazer pras crianças, as crianças não têm um parque, não têm uma quadra. Eles jogam no asfalto. E cada dia que eu vejo uma criança daquela no meio do asfalto, me incomoda. Nenhum lazer a minha comunidade tem. Tem quatro meses que eu sou presidenta da Associação. Acredito que daqui um ano, dois anos, as coisas vão melhorar e vamos ter esses benefícios. Eu acredito, eu não perco a fé, não.



Andreia

Se deixasse fazer uma coisa, eu fazia, se não deixasse, eu fazia do mesmo jeito

Nasci em 30 de abril de 1977 no Hospital de Sobradinho, próximo a Fercal. Eu aproveitei muito a minha infância [no Queima Lençol], brinquei de boneca até 15 anos, andei de calcinha até 12, apanhei pra colocar roupa, porque veio a mudança no corpo e eu não queria. Com 12 anos eu comecei a trabalhar, ajudava a tomar conta da filha de uma colega minha, mas mesmo assim eu brinquei muito. A gente brincava de roda, de derrubar latinha, futebol, de queimada, de boneca, ia na casa dos vizinhos pedir óleo pra acender fogo de mentira, dizendo que era pra minha mãe, mas era pra gente acender nosso fogão de lenha, pra fazer nosso cozinhadinho, comi muito arroz com gosto de fumaça, mas era feliz, batia muito batizado nas minhas bonecas. A gente mudou pro Engenho Velho



EU NÃO QUERIA A VIDA DAS OUTRAS MENINAS QUE CASARAM CEDO.

quando eu tinha 13 anos, mas continuou estudando no Colégio do Queima Lençol. Eu chorei muito, eu sou apaixonada pelo Queima Lençol até hoje.

Eu lembro que o meu pai falava que ajudou a construir Brasília... Ele foi aquela pessoa que tudo que ele fez foi buscar pra dentro de casa e para os filhos. Às vezes não tinha presente, mas ele trazia uma goiaba, uma fruta, ele caçava no final de semana, trazia aqueles cachos de coco, quebrava pra nós, descascava cana. Só que meu pai não queria que a gente estudasse, nós tínhamos que crescer, casar, e a partir dos 20 anos não era moça pra casar, já era moça velha. Minha mãe já foi mais dura, de cobrar o estudo, de cobrar uma postura, até mesmo pela experiência de vida dela, por não ter estudado. Nós estudamos graças a Deus e pelo esforço da minha mãe, lavando roupa, fazendo faxina.

A mãe foi pra São Paulo justamente nessa época... Meu pai não queria que eu trabalhasse, ele já foi contra eu estudar em Sobradinho, que eu terminei a oitava série na Fercal e fui fazer o segundo grau técnico em Contabilidade. Eu fui escondida fazer o cadastro pra Menor Aprendiz em Brasília, na Telebrasil... “Olha, você foi selecionada, porque você tem boas notas no colégio, então você quer mesmo?” “Quero.” Fui fazer a entrevista, fui aprovada, eram oito vagas, eu fiquei em primeiro lugar. Eu comecei a trabalhar em junho de 94, foi muito bom. Com meu primeiro salário eu fiz uma compra de comida pra nós e pra minha irmã, biscoito recheado, iogurte, meu desejo era comer rocambole que tinha nas vitrines na Oito e eu comi. Aí que foi melhorando lá em casa, fui eu que comprei a primeira parabólica lá da rua, dei pra minha mãe. Eu comprei sofá, estante, arrumei a casa, porque quando a gente é moça a gente tem muita preocupação com aparência.

Eu, se deixassem fazer uma coisa, eu fazia, se não deixassem, eu fazia do mesmo jeito. E sempre quis muito cedo mudar de vida. Amo a Fercal, mas eu não queria mais aquela vida da minha irmã, que já era casada, eu não queria a vida das outras meninas que casaram cedo.

Quando eu estava fazendo quase 21 anos, fui pra São Paulo e eu comecei a fazer vestibular que, como eu tinha o sonho de estudar, meu irmão falou que ia me ajudar. Nós vendíamos cachorro-quente em três turnos. Com um ano e oito meses compramos uma casa em São Paulo, lá no Ipiranga, foi uma graça de Deus... Como eu não tinha amizade, eu sentia muita falta da Fercal, de você conhecer, conversar com todo mundo. Em cida-

de grande não costuma ter, é Deus por todos e cada um por si, um “bom dia”, um “boa tarde”, mal e mal. Mas logo a família foi pra Igreja católica, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, e lá eu fiz um grupo de amigos, então a minha diversão era aos domingos na igreja.

Em 98 a minha avó teve um AVC e minha mãe ficou morando com ela. Todo mundo já adulto, encaminhado e eu não consegui fazer faculdade em São Paulo. Aí quando eu vim, em 99, vi mãe naquela vida, sofrendo com a minha avó em Planaltina, eu pensei: “O que eu estou fazendo em São Paulo?”. Aí voltei, tava com 23 anos. Fui morar em Planaltina e aos domingos eu ia pra feira vender bugiganga. Ia em São Paulo, comprava muamba, brinquedos e vendia na feira de Planaltina, e foi lá que eu conheci meu marido, que era fiscal de feira.

No dia do meu casamento fiquei podre de chique, maravilhosa, foi um dia muito bom pra mim, eu casei na Catedral de Brasília. Eu muito cedo fiz amizades, trabalhei muito e trabalhei na catedral numa época como voluntária, fui lá lavar os castiçais. Eu acho aquela igreja linda. Eu fiquei muito feliz no dia do meu casamento, porque primeiro eu estava casando e o meu sonho era casar na igreja e dar esse gosto pra minha mãe, que ninguém lá em casa casou na igreja.

Logo depois do casamento nós viajamos, ficamos uma semana fora e fomos morar na chácara da minha sogra, eu já estava grávida do Matheus. Meu marido queria que eu parasse de trabalhar pra cuidar do meu filho, eu nunca parei... Nós montamos um mercado em Planaltina. Eu não trabalhava só no mercado, eu tinha a lavoura, eu tinha a minha casa... Foram cinco anos de aprendizado. Quando eu separei em 2006, vim morar na Fercal. Eu ocupei cargo comissionado no governo Arruda, aí foi quando eu mais engajei trabalhando aqui na região. Quando eu separei, a primeira coisa que eu pensei: “Eu vou estudar”, e foi quando eu comecei a fazer minha faculdade de Serviço Social, que hoje eu sou assistente social. E comprei meu carro no dia dos namorados, dia 12 de junho de 2008.

Eu sempre tive o apoio da minha mãe pra trabalhar. E hoje, graças a Deus, participo de um Projeto Rural Sustentável, que o Grupo Votorantim apoia. E faço parte de uma cooperativa de mulheres artesãs do Queima Lençol, a Cooperativa Calliandra. Por que participar dessa cooperativa? Eu participo porque tem que ter alguém que acredite, e muitas mulheres do meu grupo são mulheres que casaram e são donas de casa, elas não fazem mais nada a não ser cuidar dos filhos e do marido, e eu falo pra elas: “Eu gosto da vida de vocês, eu gosto da experiência de vida de vocês e mesmo nessa rotina vocês podem conseguir algo melhor”.



Alexandre, Caio Eduardo, Letícia e Cinthya

A gente vai construir a nossa história

Meu nome é Cinthya Gomes da Silva, tenho 20 anos, sou da comunidade de Boa Vista. A Comitativa “Se Deixar Nós Doma” surgiu com um grupo de meninas que gosta muito do estilo sertanejo, o estilo mais simples, mais rústico, uma coisa antepassada que surgiu também aqui na Fercal e que é uma tradição. Nós gostamos muito de Folia, cavalgada, cavalo, essas coisas que achavam estranho pra meninas, mas a gente gosta muito e não queria deixar essa tradição morrer. Então resolvemos fazer esse grupo pra incentivar mais meninas, até mesmo pra tirar um pouco dessa vida que está chegando agora, com progresso, a gente muito presa no celular, essas coisas, e dar valor naquilo em que nossos pais foram criados. Aos poucos a Fercal estava perdendo um pouco sua identidade, a sua origem, essa origem da simplicidade, do rústico. Hoje eu sou apaixonada por essa cultura e eu sempre falo: se depender de mim ela não vai morrer, quero passar pros meus filhos, pros meus netos.

Aos poucos, nós mulheres estamos ganhando espaço, mostrando que também gostamos das mesmas coisas que os homens, que nós não somos limitadas por sermos mulheres. Então a gente veio aqui mostrar que também não é tão assim sexo frágil como as



NÓS, JOVENS AQUI DA COMUNIDADE, QUEREMOS QUE A CIDADE DE FERCAL SEJA RECONHECIDA.

As pessoas dizem, que nós também temos nosso lado mais firme. Nosso primeiro evento foi a cavalgada que tivemos dia 23, pra mim foi uma emoção muito grande de vermos ali o nosso esforço, a nossa união, de todas as meninas de alguma forma ali ajudando, o apoio das famílias, toda a comunidade reunida em um motivo só. Foi muito emocionante olhar tudo aquilo e ver que tudo deu certo, que a comunidade pode fazer, que nós moradores da Fercal podemos ter união.

Nós, jovens aqui da comunidade, queremos que a cidade de Fercal seja reconhecida. Porque muitas vezes você vai para algum lugar, até mesmo de fora e fala: “Sou da Fercal”. Muitos não sabem. Às vezes é reconhecida pelas fábricas de cimento, mas não pela comunidade, pela cultura que aqui é criada. A Fercal foi considerada uma RA, uma Região Administrativa, mas não é o suficiente. Queremos que a Fercal seja uma cidade grande. Uma coisa que muitos não conhecem é a beleza que tem aqui, os rios, as cachoeiras, porque a Fercal não é reconhecida como cidade com o valor que é devido.

Meu nome é Caio Eduardo Gomes da Silva, tenho 19 anos, e sou morador do Expansão, Alto Bela Vista. Uma história bacana da Fercal que eu pude acompanhar foi a criação do Movimento SOS Fercal, do qual eu faço parte. E uma das minhas conquistas, da galera, que eu gosto de contar foi o nosso evento que rolou dia 23 que eu acho superbacana, porque aqui na Fercal a gente não tinha um evento pro público jovem. A gente tinha o quê? Uma Feira da Lua que toca um forró, bota um funk de vez em quando. Quando a gente queria se divertir a gente fazia o quê? “Ah, vamos lá pro Jequitibá, vamos pro Conic, vamos dar um rolê em outro lugar”. A gente: “Não, vamos trazer o rolê aqui pra quebrada”. Que nem os meninos falam. Fizemos esse evento que trouxe um pouquinho de dor de cabeça, muita correria. Achei bacana, trouxe o slackline, trouxemos rock, MPB, umas músicas bacanas também.

Meu nome é Alexandre Silva Gomes, tenho 18 anos, sou morador da Fercal. No dia 27 de janeiro deste ano de 2015 a gente participou, eu e mais dois amigos meus, de uma reunião dos líderes comunitários pra saber como ia ficar a questão da RA da Fercal, se ela ia ser extinta, se ela ia continuar sendo uma cidade satélite. Nisso a gente viu que a decisão dos líderes comunitários foi não fechar a BR, não se manifestar, esperar a resposta do governo. Só que a gente pensou: “Ah, mas por quê? Só eles que vão decidir alguma coisa? Não. Vamos fazer, vamos movimentar”. No outro dia de madrugada, era três horas da manhã, a gente juntando madeira pra fechar a pista às cinco horas. Quando a gente avistou o primeiro ônibus e a gente fechou a BR, aí paramos os caminhões todos, os ca-

minhoneiros começaram a ficar com raiva da gente, queriam sair na porrada com a gente. Fui correndo pra parada pra chamar o pessoal, discurssei. E tipo assim, a emoção de estar ali, entrar naquele ônibus e chamar o pessoal: “Vamos lá porque a gente tem que se movimentar”. Do nada, três jovens fechando uma BR, chamando, gritando, aquela emoção ali foi muito importante na minha vida, foi um dos momentos que eu falei: “Cara, eu posso fazer diferente”. Muitos falam que foi uma atitude radical e tudo o mais, mas assim, foi o pontapé para o nosso grupo SOS Fercal. E a gente já conseguiu várias coisas a partir daí. Você sentar com os jovens e falar: “Véio, vamos pensar aí, vamos resolver algum problema. Vamos fazer o evento?”. “Vamos.” “O que a gente vai precisar?” “Ah, a gente vai precisar de apoio da administração? Vamos atrás.” As pessoas se mobilizaram pra correr atrás de alguma coisa. A gente está aqui pra dar continuidade nisso. Isso pra mim é um momento da minha vida que está sendo fantástico, de estar participando, de estar se organizando. É claro que você aprende muita coisa com as pessoas mais antigas porque a gente também depende disso, dos conhecimentos que são passados e tudo mais. Então esse momento foi muito importante na minha vida. De fechar aquela pista, de lá até aqui, eu posso dizer que eu era só um cidadão normal na minha comunidade, mas desses seis meses pra cá mudou muita coisa, eu sou uma pessoa nova.

Meu nome é Letícia Pedrina dos Santos, tenho 15 anos. Eu sou lá do Córrego do Ouro, fui criada lá, cresci lá. Nossa Comitiva “Se Deixar Nós Doma” foi criada agora, tem uns oito, nove meses. Desde que eu nasci, da barriga da minha mãe eu me vi em Folia, em cavalgada, em reza... eu gosto. Nós meninas, essas 32 meninas, estamos querendo fazer isso, trazer para o pessoal a nossa cultura, mostrar como é que é. Quando você vai, você participa, você fala: “Nossa, é muito bom”. A nossa cavalgada foi assim, o povo foi, gostou. O pessoal daqui da Fercal, tão próximo de onde a gente faz folias, rezas e não vão, quando foram na nossa cavalgada falaram: “Nossa, muito bom mesmo, amei! É diferente, a cultura, as músicas, o estilo, divertir, é totalmente diferente”. Amaram. Então a gente está querendo que outras pessoas que não conhecem admirem também o nosso lado, da nossa Folia do Divino, que aqui ocorre em setembro, outubro. A Folia dos Santos Reis, que é de dezembro, janeiro, aqui. As catiras também. Se Deus quiser, mais pra frente, a nossa Comitiva tá querendo formar um grupo de mulher tocando, que aqui na região, na Fercal, não tem mulher que toca viola. Eu mesma, o meu pai me deu uma viola de presente, agora eu vou entrar na aula. Pra nós mulheres aprendermos a tocar a viola, pular a catira e mostrar que não é só homem. Porque é acostumado comitiva de homem, catira de homem, muito pro lado machista, e a gente tá querendo mostrar o nosso lado mulher, que a gente pode ser capaz de ter um grupo de catira, de tocar, de pôr a mão na massa e ralar mesmo. E mostrar que a gente pode levar pro pessoal a nossa cultura e mostrar que mulher também, se deixar nós doma.

A gente vai construir a nossa história com o tempo, e cada vez, cada começo vai ser uma coisa diferente. Esse é o nosso objetivo: fazer que cresça, mas não perder o meio que começou. A gente quer evoluir, porém manter o jeito que era antigamente, é isso aí.



Quando as histórias entram na escola

O livro *Todo lugar tem uma história para contar – Memórias de Fercal* traz narrativas de moradores de diferentes trajetórias e experiências de vida. Pontos de vista sobre a história de Fercal, perspectivas de quem viu, viveu e vive a localidade. Elas não passam despercebidas: entram pelos corações e almas de quem as ouve e lê, e é impossível não refletir, se sensibilizar, se transformar.

O desafio destas próximas páginas é abrir os portões da escola e deixar essas histórias entrarem. O que elas trazem? O que é possível aprender com elas? O que elas têm em relação com os alunos e professores destas salas?

O caminho pedagógico sugerido é balizado pela Tecnologia Social da Memória, do Instituto Museu da Pessoa, e as atividades propostas surgem em forma de projeto. São integradas e objetivam, em termos gerais, proporcionar aos alunos a descoberta da história de Fercal e a investigação da cultura local, por meio das narrativas de seus moradores e também de si mesmos – afinal, a escola, seus docentes e discentes também são parte integrante da comunidade.

A primeira etapa formativa convida os estudantes a um mergulho em suas próprias trajetórias de vida. Em seguida, as atividades ampliam o campo de investigação para a história familiar e da cultura local. Com os dois âmbitos questionados, os exercícios se voltam para a apreciação do projeto *Todo lugar tem uma história para contar – Memórias de Fercal*, com análises de textos e vídeos. Com a apropriação de todo esse arquivo de histórias, há a sugestão de se explorar ainda mais a cidade.

Que as histórias tragam um pouco da cultura local, das imaginações, do divino, da alegria, e que também desmistifiquem verdades, acrescentem fatos, contribuam para a criticidade de todos, que promova risos, consternações, que seja um episódio inesquecível que reforce a reflexão sobre Fercal e os papéis de todos que nela moram!

Um olhar

Em pleno século XXI, a maioria das pessoas se encontram imersas, e por vezes aturcidas, diante da rapidez proporcionada pela tecnologia, pelo excesso de informações e pelas pressões sociais de uma sociedade de consumo. É corriqueira a sensação de ser apenas levado pelos acontecimentos.

Nesse emaranhado de afazeres, cobranças, descobertas e, por que não, também de diversões, refletir sobre si mesmo se trata de uma ação fundamental para se colocar dentro e em relação ao mundo.

Ajuizar sobre a própria história faz refletir sobre questões basilares, como identidade, senso de pertencimento, e também sobre responsabilidades. Neste módulo, professores e alunos são convidados a mergulhar em suas próprias trajetórias, e por meio delas objetiva-se que os estudantes possam:

- a. Identificar e entender transformações e processos sociais, históricos e culturais a partir de suas experiências pessoais e as de colegas da classe;
- b. Relacionar suas trajetórias pessoais às situações do cotidiano, de seu entorno, compreendendo seu papel de agentes sociais e históricos;
- c. Identificar o que é singular e o que é comum entre o grupo;
- d. Reconhecer a pluralidade de opiniões, de culturas, de orientações sexuais, religiosas, de trajetórias de vida como algo positivo e democrático.

Linha do tempo individual

A atividade *Linha do tempo individual* traz a primeira reflexão aos estudantes sobre suas histórias. Trata-se de um exercício que propõe aos alunos selecionarem fatos, marcos e rupturas de suas trajetórias de vida para contarem suas narrativas.

- a. Distribua entre os participantes papel Kraft, tesoura, cola, canetas coloridas e imagens (podem ser de revistas, jornais ou também cópias de fotos pessoais).*
- b. Lance algumas questões que possam estimular a reflexão para a construção da linha do tempo: quais são os principais marcos de sua vida? Por que são marcos? Quais as pessoas significativas? Quais as escolhas? Quais as rupturas? Por que são rupturas?
- c. Peça para que cada aluno elabore uma linha do tempo de sua história individual. Estimule o uso das cores, das imagens e dos desenhos para compor a produção.
- d. Ao término da elaboração, organize-os em grupos de quatro ou cinco alunos para compartilharem suas linhas do tempo. Peça para que cada coletivo discuta e identifique as principais semelhanças e diferenças que aparecem em suas produções.
- e. Sugere-se que a atividade seja concluída com a moderação do professor para o coletivo. É importante que sejam abordadas as motivações das escolhas, se reflita sobre o que são marcos pessoais e fatos históricos, se observe com o grupo se há semelhanças entre as produções dos alunos e se identifique a simultaneidade de eventos das trajetórias pessoais.

* Esta atividade pode ser feita no computador, com cartolina, com nanquim ou no formato de história em quadrinhos, de acordo com os conhecimentos do professor e a infraestrutura disponível.

Quando optamos por uma linha do tempo, é necessário frisar que existem outras formas de organizar o tempo histórico, e que não necessariamente existe esse sentido de evolução e progresso nas trajetórias humanas.

Minha história

Minha história é um desafio aos alunos. Trata-se de um exercício de escrita autobiográfica.

Escrever um texto nunca é tarefa simples. Praticar gêneros literários é ainda mais complexo: exige tempo, repertório e constante exercício. Em relação ao texto autobiográfico, há a vantagem de seus escritores possuírem total controle – afinal, o conteúdo será sobre eles mesmos. O interesse sobre o tema também traz essa conveniência, já que não se trata apenas do conhecimento de si próprio, mas igualmente da curiosidade com a história do outro, do colega de classe.

- a. Distribua entre os participantes papel sulfite e caneta esferográfica azul ou preta.
- b. Retome algumas questões levantadas no exercício da linha do tempo individual que possam estimular a escrita autobiográfica. Elas poderão ser o norte da escrita.
- c. Oriente que o texto é destinado a qualquer pessoa – um *leitor*. E para prender a atenção dele, algumas dicas: I. Toda história tem começo, meio e fim; II. O uso de descrições ajuda a construir os personagens e as situações; III. A leitura em voz alta permite observar como está a organização do texto.
- d. Os alunos podem compartilhar seus trabalhos por meio de leituras ou numa exposição com seus textos. Os escritos podem ser constantemente revisitados ao longo do semestre, tornando-se mais complexos. O professor pode ir lentamente introduzindo novos vocabulários, metáforas ou conteúdos históricos que dialoguem com os contextos apresentados nas narrativas.
- e. Sugere-se que a atividade seja concluída com a moderação do professor para o coletivo. É importante que sejam destacadas as semelhanças e diferenças entre as narrativas, e os contextos históricos que os alunos vivenciaram e/ou citaram.

A narrativa pessoal é uma forte ferramenta pedagógica. Além de trabalhar com a escrita dos estudantes, também auxilia a estreitar vínculos, conhecer mais o aluno e trabalhar com conceitos da área de História.

Um olhar sobre nós

Os homens sempre viveram em sociedade. Olha-se para o lado e observam-se diferentes formas de comer, vestir, agir e pensar, mas ao mesmo tempo todos somos identificáveis ou semelhantes em algum grau. Seja em agrupamentos urbanos, rurais ou em sociedades distantes do conhecido modelo ocidental dos dias atuais, há sempre similaridades entre estas formas de organização. Família, hierarquia, hábito alimentar, casamento e ritual funerário são exemplos de conceitos e modos de viver culturalmente construídos, e diversos entre cada cultura, mas que são encontrados em qualquer forma de associação humana.

O que, então, é singular de Fercal? E como ela se constituiu dessa maneira? E o que é equivalente a outras comunidades, próximas ou longínquas? Neste módulo, professores e alunos são convidados a investigar as histórias de suas famílias e de seu coletivo mais próximo, e por meio dessas ações objetiva-se que os estudantes possam:

- a. Compreender que as histórias individuais são integrantes de histórias coletivas;
- b. Identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, e com outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços;
- c. Saber utilizar diferentes fontes de informação e fontes históricas para adquirir e construir conhecimento;
- d. Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços;
- e. Refletir sobre mudanças, permanências e rupturas no processo histórico de seu entorno.

História da foto

O exercício *História da foto* é uma introdução aos alunos à investigação documental em História. Nele, o importante é considerar a fotografia como documento histórico. E como qualquer outra fonte, é indispensável a contextualização de sua produção. Quem tirou a foto? Quando foi feita? Qual é o acontecimento fotografado? Quem são aquelas pessoas retratadas? Qual a intenção da imagem? Ela passa qual mensagem?

Todavia, só faz sentido investigar o passado a partir de questões que inquietam o presente. De acordo com esta perspectiva, a proposta agora é que os alunos selecionem e tragam suas fotografias com o intuito de compreender a história e a formação de Fercal, com a participação direta, ou não, de suas famílias.

- a. Peça para que os alunos selecionem **fotografias pessoais** e de seus parentes que sejam importantes para eles, e que contem sobre a história da localidade e de sua família.
- b. Organize os estudantes em círculo. Antes de iniciar a atividade, estabeleça combinados: trata-se de um momento de ouvir, mais do que de falar. Todos irão contar as histórias de suas fotografias. Respeito em relação ao outro é fundamental.
- c. Indique aos alunos para responderem as questões do enunciado do exercício e a narrarem com o máximo de detalhes sobre o espaço retratado, as pessoas, as sensações e, é claro, as histórias em torno da imagem.
- d. Sugere-se que a atividade seja concluída com a moderação do professor para o coletivo. É importante que sejam destacados os principais temas das histórias, os lugares e fatos citados, relacionando-os.

É importante que os alunos perguntem às fotografias. E tentem desvendar o que é manifesto e o que está fora da imagem. Os estudantes podem ser convidados a escrever sobre suas fotografias, e as imagens posteriormente podem ser fotocopiadas e expostas conjuntamente com os textos.

História do objeto

A atividade *História do objeto* dá continuidade ao trabalho com os alunos na investigação documental em História, agora por meio do trabalho com cultura material. Novamente, a proposta é que os alunos selecionem e tragam seus objetos com o intuito de pesquisar a formação da localidade.

- a. Peça para que os alunos selecionem e tragam para a aula objetos pessoais que eles considerem representativos em relação às suas trajetórias pessoais e à cultura local de Fercal.
- b. Organize a sala em círculo. Antes de iniciar a atividade, estabeleça combinados: trata-se de um momento de ouvir, mais do que de falar. Todos irão contar as histórias de seus objetos. Respeito em relação ao outro é fundamental.
- c. Inicialmente, um por vez, peça para que o aluno explique os motivos da escolha de tal objeto, como o artefato foi parar em sua posse e qual é o significado dele para o estudante. Em seguida, peça para que ele descreva o artigo: cores, textura, suas diferentes partes, sua matéria-prima. Depois, pergunte sobre sua funcionalidade. Para que serve? O que faz tal objeto? Tem diferentes usos?
- d. Passe para a interação direta do componente com os alunos. A partir da manipulação do objeto, quais outras informações são possíveis obter? E continue com os questionamentos acerca do material, como por exemplo: a peça analisada é única? É feita em massa? É de fácil acesso? É um artigo de luxo? É usualmente encontrada? É antiga? Ainda é utilizada?
- e. Sugere-se que a atividade seja concluída com a moderação do professor para o coletivo. Após todos contarem sobre seus objetos, é importante que seja observado se as pessoas trouxeram artefatos iguais, quais foram as histórias e o que elas contam sobre as pessoas e Fercal.

A humanidade, em sua trajetória de adaptação aos mais diversos meios naturais, estabeleceu desde seus primórdios uma relação intensa com a materialidade que a cercava. Artefatos foram criados pelas diferentes sociedades para ajudá-las a interagirem com seus entornos, ocasionando não só o ajustamento ecológico, mas também social. Todas as marcas e vestígios originados pela interação entre o homem e o ambiente foram chamados de *cultura material*.

Um olhar sobre Fercal

Todo lugar tem uma história para contar – Memórias de Fercal é uma publicação originária de um projeto de memória. É importante os alunos saberem que resulta de um intenso processo de mobilização, pesquisa e tratamento do que foi coletado para essas páginas e vídeos.

Limitando-se ao que tange às entrevistas, as histórias de vida trazem informações, fantasias, significações e sentimentos de pessoas que compreendem, vivem, percebem e atuam em Fercal.

Neste módulo, todos são convidados a ler e assistir aos vídeos e analisar a edição realizada por terceiros. A história de Fercal foi levantada, registrada e publicada; cabe agora aos alunos se encontrarem com estes conteúdos, refletirem e tecerem suas próprias conclusões. Com esta ação de “leitura das histórias de vida”, objetiva-se que os alunos possam:

- a. Compreender que as histórias individuais são integrantes de histórias coletivas;
- b. Questionar sua realidade, identificando problemas e possíveis soluções, tomando conhecimento de formas político-institucionais e organizações da sociedade civil que possibilitem modos de participação;
- c. Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade social;
- d. Reconhecer que o conhecimento histórico é parte de um conhecimento interdisciplinar.

Descobrimo memórias – análise de histórias de vida

Agora é o momento de ler as histórias e assistir aos vídeos. Cada personagem traz muitos temas, e há múltiplas maneiras de se conduzir a investigação deste material: os sujeitos podem ser divididos por gêneros, temas, localidades ou outros critérios. Cada professor tem total autonomia na escolha de seu caminho. Todavia, é válido frisar que, conjuntamente, as histórias formam uma rede de informações e conexões. Olhar para elas em sua totalidade enriquece a análise a respeito da localidade e das próprias histórias, pois elas dialogam e se complementam.

A sugestão de análise a seguir parte das seguintes indagações: como era Fercal no passado? O que mudou e o que permanece nos dias de hoje? E qual foi a participação de seus moradores para a construção do que ela é atualmente?

- a.** Para iniciar a atividade, apresente o livro *Todo lugar tem uma história* para contar, e escolha um depoente do livro. Leia-o para a classe e em seguida passe seu vídeo. Indague os alunos sobre o sujeito apresentado (“Vocês o conhecem? Sobre o que ele fala?”). Em seguida, coloque ao grupo que eles irão investigar todos os depoentes presentes no livro, e consequentemente conhecerão a história de Fercal pelo ponto de vista de alguns dos seus moradores.
- b.** Divida a sala em grupos de quatro alunos, e reparta os depoentes presentes no livro igualmente entre os coletivos.
- c.** Peça para que os estudantes leiam as histórias dos personagens em grupo e identifiquem: I. Nome, idade e local de nascimento do depoente; II. Local onde moram atualmente; III. Tempo em que moram em Fercal; IV. Temas abordados em sua história.
- d.** Realizada essa primeira etapa, peça para que cada grupo responda as seguintes questões: I. O depoente é imigrante ou nasceu em Fercal? II. No caso de imigração, de onde ele partiu e quais foram os motivos de sua ida à localidade? III. Quando chegou a Fercal, o que encontrou? Como era a comunidade no passado? IV. Para os que nasceram em Fercal, a pergunta pode ser relacionada à infância. Como era Fercal durante a infância do entrevistado? V. A partir da história do depoente é possível identificar como Fercal foi se transformando? Por exemplo, através da chegada da luz elétrica, do asfalto, dos transportes? VI. Se afirmativo, como se deu

e quais foram os agentes responsáveis pela mudança na região? VII. Há referência a organizações não governamentais, a atividades comerciais e/ou industriais? VIII. O depoente faz referência a lugares, espaços da comunidade? IX. Faz menção a outras pessoas da comunidade? Por qual motivo? X. O que a história traz de elementos culturais da região, da comunidade?

- e.** Ao término das análises, é importante que todos os grupos apresentem suas investigações.
- f.** A partir da exposição feita, organize o debate com os alunos para responder as perguntas norteadoras dessa pesquisa: como era Fercal no passado? O que mudou e o que permanece nos dias de hoje? E qual foi a participação de seus moradores para a construção do que ela é hoje?
- g.** Sugere-se que a atividade seja concluída com a moderação do professor para o coletivo. É importante que sejam destacados os marcos históricos de Fercal elencados pelos depoentes; que se indiquem elementos do passado da localidade, observando o que mudou e o que se manteve até os dias atuais; que se evidenciem as diferentes significações e divergências entre os diversos pontos de vista dos moradores; que se registrem as ações sociais, a mobilização da comunidade e seu enfrentamento e/ou parceria com o estado.
- h.** Os vídeos dos depoentes podem ser assistidos em uma ou mais aulas. Eles podem ser exibidos individualmente ou em blocos de histórias com temáticas afins, como se fossem “sessões de cinema”. Podem também abrir os momentos de análise, nos quais os grupos assistiriam pelo menos aos vídeos dos depoentes de cuja apreciação ficaram responsáveis; ou encerrar o processo de trabalho, quando os vídeos trariam informações complementares às colhidas nos textos.

Exemplo de análise da história – Eurides de Lira Andrade

Eurides de Lira Andrade, a Nildinha, nasceu em Bom Jardim, Pernambuco, em maio de 1944. Seus pais se separaram quando ela ainda era nova, e foi criada junto de seus três irmãos pela mãe carinhosa, porém rígida. Na infância, ajudou sua mãe no sítio de café e na casa de farinha. Morou um tempo em Formosa do Rio Preto, Bahia, onde bordava e fazia tricô fugindo do trabalho duro na roça, e onde também conheceu seu marido, casando-se aos 16 anos. Estabeleceu-se em Fercal acompanhando o marido, que foi trabalhar no Tocantins. Passou por diversos trabalhos, desde lavadeira até voluntária na LBA (Legião Brasileira de Assistência Social), onde se tornou funcionária da creche. Foi presidente da associação de moradores e participou de importantes conquistas da comunidade de Fercal, como a implantação de água encanada, luz elétrica, linhas telefônicas e a feira livre. É mãe de cinco filhos, tem 14 netos e dois bisnetos, todos orgulhosos residentes de Fercal até hoje.

(Minibiografia extraída do livro Todo lugar tem uma história para contar – Memórias de Fercal.)

- a. Leitura da história de Eurides de Lira Andrade.
- b. Análise da história. Pode ser organizada em um quadro ou não.

Nome, idade e local de nascimento	Local onde mora atualmente	Tempo em que mora em Fercal
Senhora Eurides de Lira Andrade, 71 anos, Bom Jardim-PE	Fercal	Chegou em Fercal em 1972 – 43 anos
Temas abordados em sua história		
Infância em Pernambuco; trabalho infantil; trabalhos manuais, de roça; imigrações; costumes da zona rural; conhecimentos e cultura da zona rural; Fercal na década de 1970; festejos; infraestrutura (ou a falta de); mobilização social; coletividade; Centro Comunitário de Fercal.		
O depoente é imigrante ou nasceu em Fercal?	Quais foram os motivos de sua ida à localidade?	Quando chegou a Fercal, o que encontrou? Como era a comunidade no passado?
Nasceu em Bom Jardim, Pernambuco.	Dona Eurides mudou-se algumas vezes antes de chegar a Fercal. Sempre em busca de algo melhor, por oportunidades. No caso da localidade, veio para acompanhar seu marido, que arrumou emprego na empresa Cimento Tocantins.	Chegaram em 1972, e encontraram uma comunidade muito pobre. Havia muito mato, não havia asfalto nem saneamento básico e as pessoas tomavam banho e lavavam suas roupas no córrego.
Como Fercal foi se transformando?	Como se deu e quais foram os agentes responsáveis pela mudança na região?	Há referências a organizações não governamentais, a atividades comerciais e/ou industriais?
As mudanças foram sendo feitas gradativamente, principalmente após a mobilização dos moradores da comunidade na década de 1980. Hoje Fercal tem energia elétrica e água encanada.	Os moradores foram os principais agentes de transformação da comunidade. Em 1984 fecharam a rodovia, o que permitiu espaço na mídia e chamar a atenção das autoridades. De acordo com Eurides, somente após a intervenção é que atores do estado vieram à comunidade. Ela cita o Caesb, CEB e Telebrasil.	Eurides cita a LBA (Legião Brasileira de Assistência Social) e Cimento Tocantins.
O depoente faz referência a lugares, espaços da comunidade?		
Rua do Mato; Centro Comunitário.		
O depoente faz referência a outras pessoas de Fercal? Por quê?		
Manoel Baiano, morador antigo que possuía água em sua propriedade e a deixava acessível para os demais. Sálvio, em relação ao centro comunitário.		
O que a história traz de elementos culturais da região, da comunidade?		
Costumes da roça, como o trabalho com o café, a mandioca, a casa de farinha. É possível observar uma educação, por ser mulher, voltada para os afazeres domésticos. Sua avó fez seus partos. Novenas da Rua do Mato, que começavam no dia 28 de novembro e iam até o dia 8 de dezembro. Festas de origem religiosa como São João, São Pedro e Santo Antônio, com quadrilhas e maquiagens à base de carvão. Festas sem brigas. Técnicas de lavar roupas nas pedras à beira do córrego. As mulheres carregavam pesos enormes na cabeça.		

c. Exibição do filme de Eurides de Lira Andrade.

O vídeo de Dona Eurides tem o foco na mobilização social dos moradores de Fercal. Conta que fecharam a rodovia, e com isso conseguiram chamar a atenção da grande imprensa. Fizeram questão de levar os jornalistas para os piores lugares de Fercal e, assim, conseguiram uma visita do governador e de outras autoridades a Fercal. Nildinha e outros moradores participaram de tudo para conseguir as melhorias, e ainda foi necessário fazer uma “vaquinha” entre eles para pagar as tubulações.

A história de Dona Eurides traz diversas informações, assim como a história de todos os outros depoentes. A proposta é que se realize a análise de todas as histórias e se comparem as informações obtidas para responder as perguntas norteadoras da análise: como era Fercal no passado? O que mudou e o que permanece nos dias de hoje? E qual foi a participação de seus moradores para a construção do que ela é atualmente? E que se acrescentem novas conjecturas: Fercal foi formada por imigrantes? O que fez as pessoas virem para Fercal? O que mobilizou a comunidade? O que havia na região? O que é singular da região? Quais são as características culturais de Fercal?

Também consulte outras fontes, outros livros de História, o site do IBGE e jornais antigos que poderão contribuir para complementar as informações dos entrevistados.

As perguntas para as histórias de vida podem variar conforme os objetivos da investigação. Por exemplo, se a pesquisa for sobre a religiosidade da região, o professor pode selecionar os depoentes com que irá trabalhar e elaborar novas questões focadas nesse tema. Independentemente da escolha, as entrevistas ganham força quando colocadas lado a lado para comparação ou complementaridade de informações.

Descobrimo a cidade – Estudo do meio

Para conhecer a cidade em que moramos é necessário observá-la, vivenciá-la; é preciso reservar um dia e torná-lo uma jornada especial. Surpreenda-se com aquela mesma rua de sempre, visite a igreja com curiosidade, repare nos gestos de pessoas com quem você cruza rotineiramente. O que está diferente? Nossa intencionalidade em relação ao meio que nos cerca. E é esta alma de investigação crítica que será uma das metas da próxima atividade, um estudo do meio pelo município.

As histórias de vida analisadas anteriormente evidenciaram inúmeros assuntos. Agora o desafio é aprofundar o que foi levantado, indo a campo.

O estudo do meio é organizado em três etapas: pré-campo, trabalho de campo/estudo do meio e pós-campo.

- a. **Pré-campo:** organize os alunos em grupos de quatro a seis alunos. Distribua uma cartolina por coletivo. Peça para que cada grupo monte um quadro respondendo as seguintes perguntas: 1. O que o município tem de mais interessante? 2. Quais são os pontos turísticos da cidade? 3. O que o grupo preservaria a todo custo no município (objetos, patrimônios públicos, saberes e culturas etc.)? 4. Quais são os principais problemas da cidade? 5. Quais são os lugares citados nas entrevistas que achamos importante visitar? Por quê? Quais as pessoas que achamos importante escutar? Por quê? Discuta com toda a sala as respostas e elabore coletivamente o roteiro do estudo do meio a ser realizado.
- b. **Trabalho de campo:** saída da escola. Utilize o roteiro feito em sala. Incentive a observação, o registro fotográfico ou em desenho, e as anotações em um caderno de campo. A proposta é conhecer a cidade, mas agora dialogando com o que foi visto e ouvido nas entrevistas. Como era no passado? O que mudou? O que continua? O que aconteceu para o lugar estar assim? O que precisa ser mudado?
- c. **Pós-campo:** sistematização da pesquisa e análise. Peça aos alunos para escreverem um relatório sobre o estudo do meio. Para tornar a tarefa mais completa, sugira que, além de uma descrição do que fizeram, os alunos escrevam suas reflexões. Afinal, o que a cidade lhes despertou?

O estudo do meio pode gerar alguns produtos, que são sínteses de aprendizados e reflexões: um mural de fotografias ou desenhos, um mapa feito por eles, seus relatórios, um vídeo documentário – o que for coerente com o projeto e possível de construir.

Um olhar para todos

Os alunos iniciaram este trabalho com um olhar voltado para suas próprias trajetórias de vida. Fizeram exercícios que os permitiram se colocar neste lugar de análise e reflexão sobre si, ao mesmo tempo que vínculos foram construídos e a escuta foi trabalhada.

Em seguida, num olhar voltado ao entorno imediato, os estudantes foram mobilizados a investigar suas famílias e a cultura local por meio de fotografias e objetos. Ao mesmo tempo que os alunos puderam trabalhar com o “fazer historiográfico” por meio da análise de diferentes fontes documentais, também foi possível estabelecer conexões entre suas histórias, as histórias de suas famílias e a construção cultural e social de Fercal.

O próximo passo foi analisar as histórias do projeto *Todo lugar tem uma história para contar – Memórias de Fercal*. As entrevistas trouxeram um olhar sobre Fercal, o ponto de vista de alguns moradores sobre a história da localidade, mas não apenas isso: ao analisá-las, os alunos puderam identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, a mobilização social dos moradores, e com isso tecer relações com outros lugares e com suas próprias participações também como moradores de Fercal.

A saída ao campo permitiu reconhecer, problematizar, investigar espaços referendados, bem como identificar processos históricos citados e confrontar estas versões para construir com os alunos um olhar sobre o hoje de Fercal.

Para finalizar este processo didático, é importante juntar todos os materiais coletados e produzidos e sistematizá-los para que outros possam acessar suas reflexões. Neste módulo, todos são convidados então a confeccionar um produto, e com isso, objetiva-se que os alunos possam:

- a. Revisar, refletir e sistematizar conteúdos;
- b. Estabelecer parcerias e propor novas linguagens de comunicação;
- c. Apresentar um novo olhar para todos de Fercal.

Elaboração de produtos – finalizando as ações

Produtos são importantes para finalizar um processo de ensino, um projeto didático. Eles possibilitam revisar conteúdos e sistematizar aprendizados, assim como o próprio processo de elaboração também traz novos conhecimentos.

São muitas as opções de produtos: livros artesanais (ou não), murais, exposições, coleções virtuais (sites, blogs), jogos (utilizando o conteúdo pesquisado) e vídeos, entre outras. O professor tem total autonomia na definição desse produto, algo coerente com seus conhecimentos prévios; sugere-se, contudo, que essa escolha seja decidida com os alunos.

O primeiro passo é levantar o material realizado pelos alunos ao longo das atividades. Em seguida, é necessário definir o que o grupo quer transmitir, e como deseja comunicá-lo a um público aberto.

A escolha do produto e de seus conteúdos deve ser coerente com as questões norteadoras de todas as atividades, no caso: como era Fercal no passado? O que mudou e o que permanece nos dias de hoje? E qual foi a participação de seus moradores para a construção do que ela é atualmente?

Coleção virtual

Para ampliar a visibilidade do material realizado pelos estudantes, ele poderá ser publicado no site do Museu da Pessoa. Acesse www.museudapessoa.net e construa uma coleção virtual por meio do *Conte sua história*.

Ali é possível publicar textos, fotos e vídeos, além de integrar suas produções com as outras narrativas da Coleção do Projeto Todo Lugar tem uma História para Contar, já disponível no site do Museu da Pessoa.



Faça seu projeto de memória

O livro *Todo lugar tem uma história para contar – Memórias de Fercal* proporcionou conhecer histórias de Fercal. Provavelmente, há tantas outras que ainda precisam ser descobertas, há outros acontecimentos e sujeitos que precisam e merecem ter suas histórias registradas. Cabe aqui refletir sobre o que foi realizado e propor desdobramentos dessa ação de construção da história de Fercal por meio de seus moradores.

O quadro que segue contém perguntas básicas para esse projeto.

Nossa memória	Sentidos da memória	Objetivos	Fontes de história	Públicos	Produtos
Que memória queremos registrar?	Por que queremos registrar essa memória?	Para que queremos construir essa história?	Que material consultaremos? Quem iremos ouvir?	Para quem queremos contar nossa história?	Como iremos socializar nossa narrativa?

A proposta de um projeto de memória pode ser orquestrada pelo professor em parceria com a coordenação pedagógica e ser efetuada coletivamente com os alunos em sala de aula. O importante após a definição destas perguntas é organizar o cronograma de execução das ações.

Fica o desafio. Construa um novo projeto, agora com suas diretrizes e objetivos!



Então quando eles chegam, eles discriminam, eles chegam se admirando, 'Ah, eu pensei de encontrar o índio dessa forma'. Aí a gente tenta contar, 'A realidade agora é outra, a gente está aí com essa nova tecnologia. A gente está acompanhando'.

Roda de Histórias - Etnia Tapeba



Quando a gente ouvia aquele assobio, perguntava aos mais velhos, e eles diziam: 'Não, isso aí é os encantados que já morreram, e que aparecem cantando nas matas'. Quando é pra chover, no inverno, deles que falavam.

Ana Maria

Roda de Histórias - Etnia Anacé

Projeto Todo Lugar tem uma História para Contar - Memórias de Fercal

Coordenação Geral

Marcia Elias Trezza
Sônia London

Formadora

Marcia Elias Trezza

Gestão do Projeto

Marcos Terra - Museu da Pessoa
Renata Amidani -- Votorantim Cimentos

Produção Executiva

Tati Rommel

Coordenação em Fercal

Andreia Ferreira de Aguiar - Conselho Comunitário da Fercal
Gilsônia Silva - Votorantim Cimentos
Tereza Ferreira da Silva - Conselho Comunitário da Fercal

Conselho Comunitário da Fercal

Alexandre Silva Gomes
Andreia Ferreira de Aguiar
Anna Karolyne Trindade
Caio Eduardo Gomes da Silva
Camila Bezerra
Delson da Costa Matos
Eurides de Lira Andrade
Ildenilda de Oliveira Silva
Itamar Gomes Vitor
Joe
Matheus Costa Morais
Nelita Souza Matos
Sebastião Rosa
Tereza Ferreira da Silva
Vanderli Barbosa Alarcão
Vinicius Ribeiro Gomes

Créditos da Publicação

Coordenação geral

Marcia Elias Trezza

Edição das histórias

Tereza Ruiz
Otavio Nazareth
Marcia Elias Trezza

Autoria do Roteiro Pedagógico

Danilo Eiji

Revisão

Fábio Bonillo

Projeto Gráfico e Diagramação

Editora Olhares

Impressão

Elyon

Fotógrafos

Gabriel Monteiro
Rafael Pessotto

Gravação e edição dos vídeos

Cartola Filmes

Produção

Tati Rommel

Museu da Pessoa

Diretora-presidente

Karen Worcman

Acervo

Ana Maria Leitão (assessora)
Lucas Lara
Felipe Rocha
Lucia Esteves

Administrativo-Financeiro

Rogério Teperman
Viviane Rocha
Keli Garrafa
Cleide Soares
Allan Fava
Marcela Fogare

Conte Sua História

Rosana Mizziara
Luiza Paiva Paganoni

Educativo

Sonia London
Marcia Trezza
Danilo Eiji Lopes
Renata Zimbar

Memória Institucional

Marcia Ruiz
Melissa Machado

Portal

Diogo Cutinhola
Joyce Pais

Projetos editoriais

José Santos

Sustentabilidade

Andréia Costa de Souza

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Todo lugar tem uma história para contar / organizador Museu da Pessoa . -- 1. ed. -- São Paulo : Museu da Pessoa, 2015.

ISBN: 85-62114-41-3

1. Ceará - Biografia
2. Ceará - História I. Museu da Pessoa.

14-11770

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Ceará : Biografia 920.72